

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA**

JOSUÉ NILSON VIEIRA SILVA

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E RELIGIÃO: Uma análise
nos anais do Colégio Brasileiro De Ciências Do Esporte
(CBCE)

São Luís-MA

2022

JOSUÉ NILSON VIEIRA SILVA

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E RELIGIÃO: Uma análise nos anais do colégio brasileiro de ciências do esporte (CBCE)

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção de título.

Orientador: Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana

São Luís-MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Vieira silva, Josué Nilson.
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E RELIGIÃO : Uma análise nos
anais do colégio brasileiro de ciências do esporte CBCE /
Josué Nilson Vieira silva. - 2022.
89 f.

Orientador(a): Raimundo Nonato Assunção Viana.
Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Corpo. 2. Educação Física. 3. Escola. 4.
Religião. I. Assunção Viana, Raimundo Nonato. II. Título.

JOSUE NILSON VIERA SILVA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E RELIGIÃO: UMA ANÁLISE NOS ANAIS DO
COLÉGIO BRASILEIRO DE CIENCIAS DO ESPORTE (CBCE)**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Educação Física, da
Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção de título.

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana
Universidade Federal Do Maranhão
(Orientador – Presidente Da Banca Examinadora)

1º Examinador

2º Examinador

São Luís

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter chegado aqui em paz e com a alegria de poder ter tido experiências incríveis ao lado de pessoas que também somaram na minha vida nos momentos que mais necessitei de apoio.

Dedico à minha família, a maior parte e as mais importantes conquistas que alcancei e alcançarei daqui para frente, todos os investimentos e paciência que fomentaram a minha personalidade, mente e caráter que me definem, todo o incentivo emocional e apoio financeiro que me possibilitam subir degrau por degrau até aqui.

Agradeço aos meus familiares, pelo apoio emocional e motivacional ao longo dessa parte da jornada que se tornou imprescindível para meus estudos e persistência, aos meus primos e primas, tios e tias, avós e agregados da família, todos que tiveram de alguma forma colaborado para meu bem estar que me permite estudar.

Agradeço aos meus amigos de faculdade Jorge Wellington por ter me auxiliado a escolher um tema para apresentação de meu trabalho, e meu amigo Higor Gusmão por sua paciência e simplicidade de me tirar dúvidas nos momentos que mais precisava para construção desse trabalho como também de me passar a tranquilidade nos momentos em que eu me apresentava com alto grau de ansiedade.

Agradeço ao meu primo Bryan Diniz pela sua disponibilidade de mobilidade e por me livrar do sufoco dos horários de serviços e aulas quando havia imprevistos na carga horária de minhas responsabilidades, além de sua paciência ao esperar minhas saídas algumas vezes.

Agradeço a todos os meus professores da UFMA que me enriqueceram de conhecimentos que levarei para vida toda, em especial os professores Paulo da Trindade e Raimundo Viana que me orientaram em tempos diferentes, mas que me ajudaram a desenvolver a presente pesquisa.

A todos, o meu muito obrigado e o meu desejo de sermos abençoados por Deus hoje e sempre.

RESUMO

A presente pesquisa, objetiva investigar como a Educação Física aborda diferentes temas do corpo nas aulas de Educação Física considerando a dimensão religiosa. A pesquisa é do tipo bibliográfico-documental baseada em Silva, Almeida e Guidani (2009), Bogdan e Biklen (1994) tendo como corpus de análise artigos científicos e documentos do Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte/ CONBRACE realizados pelo Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte CBCE (2013-2021) e o CONCENO/ Congresso de Ciências do Esporte (Região Norte), nos Gtt's de Educação Física Escolar, Corpo e Cultura e Inclusão e Diferença dos anos de 2013 à 2021. A conclusão deste trabalho reafirma os possíveis diálogos entre educação física frente ao corpo religioso educado reconhecendo essa diferença corporal como membro de sua cultura, respeitando os direitos da liberdade de crença, sem disparidades de influência e relevância no mesmo campo de atuação, o corpo.

Palavras-chave: Educação Física, Corpo, Escola, Religião

ABSTRACT

This research aims to investigate how Physical Education addresses different themes of the body in Physical Education classes considering the religious dimension. The research is of the bibliographic-documentary type based on Silva, Almeida and Guidani (2009), Bogdan and Biklen (1994) having as corpus of analysis scientific articles and documents of the Brazilian Congress of Sports Science / CONBRACE held by the Brazilian College of Sports Science CBCE (2013-2021) and conceno/ Congress of Sports Sciences (Northern Region) , in the Gtt's of School Physical Education, Body and Culture and Inclusion and Difference from the years 2013 to 2021. The conclusion of this work reaffirms the possible dialogue between physical education in the face of the educated religious body recognizing this body difference as a member of its culture, respecting the rights of freedom of belief, without disparities of influence and relevance in the same field of action, the body.

Keywords: Physical Education, Body, School, Religion

ABREVIATURAS E SIGLAS

EF- Educação Física

GTT- Grupo De Trabalho De Temático

CBCE- Colégio Brasileiro De Ciências Do Esporte

CONBRACE- Congresso Brasileiro De Ciências Do Esporte

CONCENO- Congresso Norte Brasileiro De Ciências Do Esporte

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

AD- Análise de Discurso

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	9
2. O CORPO E SEUS SIGNIFICADOS	16
3. O CORPO DE ANTES, HOJE E DEPOIS	24
4. A RELIGIÃO E O CORPO LIGADOS PELO TEMPO	33
5. A EDUCAÇÃO FÍSICA, O CORPO E A ESCOLA	44
5.1. A história da educação física no Brasil e os aspectos legais de sua atuação	45
5.2. Os dilemas da educação física no contexto atual	52
5.3 A harmonia entre a religião e educação física	60
6. ANAIS DO CBCE- AS ABORDAGENS SOBRE O CORPO RELIGIOSO	64
6.1 VII Conceno: um estudo singular sobre o tema	71
6.2 XXI Conbrace: evento com mais estudos no período analisado	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80

1. INTRODUÇÃO

O corpo e suas diversidades, se vestem num conhecimento ontológico de saberes conceituais e deterministas, com significados que visam atender as necessidades específicas de cada período histórico. O corpo é muitas vezes submetido aos serviços de utilidade social e por fim, individuais, que gerando comportamentos de aceitação ou resistência no que se refere a tomada de decisão sobre o uso de si muitas vezes pelo outro. Para concretizar o domínio sobre este objeto de disputa dos saberes, a educação tem o papel fundamental na submissão e aceitação dos poderes exercidos sobre ele, num processo de construção histórica, que convergem sobre si as opiniões dos sistemas de controle, que se enaltecem como algo maior que o próprio corpo sob o argumento de melhor conduzi-lo para melhor geri-lo, desta forma, a religião também faz parte do que compõe a educação sobre o corpo e suas possibilidades de ser humano.

De forma específica, primeiro é necessário entender com quais áreas do conhecimento o corpo humano é melhor definido para esse estudo, de acordo com Marconi e Lakatos (2017) existem quatro tipos de conhecimentos maiores que englobam os demais e suas especificidades divididos por áreas, sendo estes: o *empírico* (senso comum/popular), *filosófico* (questionamentos/hipóteses), *religioso* (dogmas/ sobrenatural) e *científico* (veracidade dos fatos). Sobre a ideia de corpo religioso e educação física no mesmo espaço, as afinidades com os tipos de conhecimentos para este estudo são os de caráter teológico e científico, sobre estes Marconi e Lakatos (2017, p. 62-63) assinalam respectivamente:

O conhecimento religioso ou teológico parte do princípio de que as verdades tratadas são infalíveis e indiscutíveis, por consistirem em revelações da divindade (sobrenatural). A adesão das pessoas passa a ser um ato de fé, pois a visão sistemática do mundo é interpretada como decorrente do ato de um criador divino, cujas evidências não são postas em dúvida nem sequer verificáveis (...) O conhecimento científico é real (factual), porque lida com ocorrências ou fatos (...) constitui um conhecimento contingente, pois suas proposições ou hipóteses têm sua veracidade ou falsidade conhecida através da experiência e não apenas por meio da razão, como ocorre no conhecimento filosófico. É sistemático, visto que se trata de um saber ordenado logicamente, formando um sistema de ideias (teoria) e não conhecimentos dispersos e desconexos. Possui a característica da verificabilidade, a tal ponto que as armações (hipóteses) que não podem ser comprovadas não pertencem ao âmbito da ciência. Constitui-se em conhecimento falível, em virtude de não ser definitivo, absoluto ou final e, por isso, é aproximadamente exato: novas proposições e o desenvolvimento de técnicas podem reformular o acervo de teoria existente.

Cada um dos conhecimentos podem se relacionar para construção ou implementação das respostas a serem alcançadas no caminho de sua busca, podendo haver a uma lógica imutável ou não no final de uma análise, mas num estudo específico, quanto maior e melhor direcionamento, mais provável e atingível a resposta será.

Essas formas de conhecimento podem coexistir na mesma pessoa: um cientista, voltado, por exemplo, ao estudo da física, pode ser crente praticante de determinada religião, estar liado a um sistema filosófico e, em muitos aspectos de sua vida cotidiana, agir segundo conhecimentos provenientes do senso comum. (Ibidem)

Sendo assim, ao analisar os corpos dos alunos/aprendizes que trazem consigo tudo e um pouco mais sobre a noção de existir, através do fazer; o corpo chega a ser fragmentado pelas “áreas do conhecimento humano” tanto clássica quanto moderna a fim de melhor compreendê-lo, ajustá-lo, respondê-lo e equipara-lo tendo na religião sua maior precursora no passado; desde os tempos mais antigos das civilizações pós-modernas, os primeiros contatos de vida do ser humano, encontram-se na educação familiar, a base do conhecimento e estrutura social que se for religiosa, darão a primeira noção de existir baseada no sobrenatural/divino acima das próprias vontades.

No espaço escolar, a Educação Física (EF) enquanto componente curricular, tem em seu caráter o propósito de expandir o potencial corporal do aluno, utilizando metodologias didáticas e teórico-práticas a fim de que o aluno conheça a si mesmo e aos outros no quesito corpo e por fim de que eles obtenham autonomia no mundo, sua posição como disciplina obrigatória não o determina como eficiente no que lhe é proposto educar/ensinar, outros campos do conhecimento incluindo o religioso também podem interferir na tomada de decisões sobre o que fazer com o próprio corpo, e assim uma dicotomia pode levá-los a questionarem-se sobre o corpo religioso e a cultura corporal de movimento, deve-se respeitá-los e acatá-los ou entendê-los e acompanhá-los?

No processo do ensino-aprendizagem onde o conhecimento se reconstrói e aglutina novas perspectivas se auto enriquecendo, há grande valor na análise das diferentes educações corporais, desse modo, abrem-se espaços para que ambos os conhecimentos caminhem para um relacionamento conciliador com suas convicções, certezas e podem gerar resistência quanto aos afazeres com o corpo quando confrontados com outras verdades que controlam os estilos de vida do sujeito, qualquer diferença entre ambas, geram forças de aceitação ou negação de como

“ser um corpo” que se adequa ao tempo, espaço e contextos sociais inconstantes; nos espaços escolares a gama de conceitos deterministas são repassadas como novidades que geram diferentes comportamentos que refletem no social/individual, gerando um conflito de conceito e ação.

Considerando que os alunos são oriundos de diversas procedências sociais e familiares, entre os quais nesse estudo se destaca os religiosos, o corpo discente já possui as suas gestualidades próprias e podem ser influenciadas na escola ou em outros espaços, mas que também exige a máxima atenção pelos profissionais de EF, pois “um dos motivos de preocupação do/a docente em ministrar determinados conteúdos nas aulas de EF, decorre das possíveis proibições que estes/as discentes aprenderam a partir da educação religiosa recebida na família e em sua comunidade religiosa” (MANSUR, 2019, p. 54), seus modos de gerir o corpo podem apresentar barreiras que limitem a atuação da disciplina e no que ela se propõem a realizar na cultura corporal de movimento, isso é algo que vai além da religião ou da escola, é social, visto que a disciplina não se limita no físico somente, mas no ser humano total no sentido lato.

Por conseguinte, esse trabalho tem como objetivo geral investigar como a Educação Física aborda os diferentes conteúdos da cultura corporal de movimento perante a dimensão religiosa de seus alunos, analisando especificamente:

- O conceito histórico do corpo até os dias atuais, tendo como base o conceito de ser/ter um corpo;
- Identificar os modos de gerir o corpo considerando o aspecto religioso, tendo em vista que se trata de um conhecimento distinto no entender o mundo e a vida dentro e fora das escolas confessionais ou não;
- Apresentar quais denominações religiosas mais encontradas pela comunidade científica no contexto da educação física, que permeia o estilo de vida dos alunos no cuidado com o corpo frente as atividades propostas nas aulas práticas.

Elencamos como corpus de análise os anais dos Congressos realizados no período entre os anos de 2013 a 2021, equivalendo a quatro edições do evento, notadamente aos trabalhos apresentados nos GTT's Corpo e Cultura, Educação Física Escolar e Inclusão e Diferença, pelo motivo de que, as ementas dos mesmos coadunarem com o escopo dessa investigação, para tanto, busca-se destacar os

trabalhos produzidos nos anais dos congressos ocorridos no período delimitado, especificadamente nos GTT's supracitados categorizando-os a partir dos temas Corpo, Religião, Ensino, Educação, fazendo correlações quanto aos temas mais recorrentes entre Corpo e religião; as estratégias de ensino; os desafios encontrados, bem como, as experiências exitosas ao abordar o tema, tendo como pano de fundo, os valores no uso do corpo e suas inferências na noção do que é ser/ter um.

Certamente, o ensino da EF baseia-se no processo teórico-prático da cultura corporal de movimento que busca ampliar o saber sobre si e o outro em sua máxima possibilidade de manifestar-se em diferentes contextos; essa pesquisa tem uma abordagem qualitativa que segundo Bogdan e Biklen (1994) para os resultados escritos da investigação dessa abordagem, deve haver citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação e que estas incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais, dessa forma, é analisado todos os dados em sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma onde estes foram registrados ou transcritos.

Para tanto realizou-se pesquisa do tipo bibliográfico-documental que Treinta et.al (2014, p. 509) especifica:

O estudo bibliométrico busca identificar o que foi produzido de conhecimento pela comunidade científica sobre esse tema e, ao mesmo tempo, avaliar as principais tendências da pesquisa sobre ele. Parte do princípio de que, ao iniciar-se uma nova pesquisa acadêmica, tudo o que está sendo discutido, publicado e gerado de conhecimento nessa linha de pesquisa deve ser mapeado para a construção do conhecimento a ela relacionado.

Sobre a pesquisa documental, Silva, Almeida e Guidani (2009, p. 05) complementam:

Tanto a pesquisa documental como a pesquisa bibliográfica têm o documento como objeto de investigação. No entanto, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres.

Bogdan e Biklen (p. 180, 1994) também ressalta sobre documentos oficiais utilizados para pesquisa:

(...) Memorandos, minutas de encontros, boletins informativos, documentos sobre políticas, propostas, códigos de ética, dossiers, registros dos estudantes, declarações de filosofia, comunicados à imprensa e coisas semelhantes. Estes materiais têm sido encarados por muitos investigadores como extremamente subjetivos, representando os viesamentos dos seus

promotores e, quando escritos para consumo externo, apresentando um retrato brilhante e irrealista de como funciona a organização.

A partir disso, esse estudo tem como lócus de investigação a produção científica contida nos Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte CONBRACE, por ser um evento de referência e de grande relevância em estudos aplicados à EF; é um evento bianual realizado pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte CBCE, entidade científica fundada em 1978, cujo objetivos são:

Art. 2º.

a. Promover e incrementar os estudos e pesquisas relacionadas à área acadêmica Educação Física, que abrange o campo das Ciências do Esporte e suas subáreas Sociocultural, Pedagógica e Biodinâmica;
b. Manter intercâmbio com entidades nacionais e internacionais com interesses em áreas afins e de caráter similar;
c. Veicular o conhecimento produzido na área da Educação Física, que abrange o campo das Ciências do Esporte e suas subáreas Sociocultural, Pedagógica e Biodinâmica, por meio da publicação de periódicos, da promoção de reuniões científicas e outras iniciativas, ordenadas pelas dimensões científica, política, cultural, técnica, dentre outras, em que o contexto social exija participação desta Associação Científica;
d. Posicionar-se em questões de Políticas referentes às áreas com as quais guarda relação de estudo e produção de conhecimento.(CBCE, 2018)

Também foram procurados nos eventos regionais de congressos de ciências do esporte das regiões sudeste, centro-oeste, nordeste, norte e sul, possíveis documentos que pontuassem sobre a discussão do tema de forma mais específica.

A análise dos documentos atenta-se para o discurso do material coletado que possibilita discorrer sobre o sentido do corpo diante das diferentes formas de entendê-lo nos diferentes contextos e períodos históricos. Sobre a análise do discurso Caregnato e Mutti (2006, p. 680) define:

A AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o corpus da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem. A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de ideias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar.

Essa pesquisa foi estruturada tomando por base a formação de conceito sobre o corpo e a construção e efemeridade de seus significados em cada período histórico até o contexto atual de conhecimento específico da EF pela sua comunidade científica junto às denominações religiosas apresentadas nas aulas de EF. Para divisões de análise por tema específico, foram divididos da seguinte forma:

- No tópico *corpo e seus significados* descrevem os conceitos desenvolvidos das culturas primitivas ao pós-moderno, com enfoque maior nas visões da

Grécia Antiga e Cristã Primitiva que serviram de base para o conceito maior de corpo ainda com seus reflexos na sociedade contemporânea, como a divisão do corpo entre o físico e mental por Platão e um corpo a ser consagrado pela ótica cristã.

- No seguinte tópico, há uma relação entre *o corpo de antes, hoje e depois* que ressalta a efemeridade do significado de ser/ter um corpo em diferentes contextos sociais além do valor que lhe é conferido mediante a necessidade político-social exigida, como também o valor econômico que possui quando fragmentado pelo ideal de beleza moderno nos cuidados com a saúde de cada membro corporal que faz do próprio indivíduo, um crítico de si mesmo para atender as expectativas sociais no valor que possui de si pela ótica alheia.
- Por conseguinte, a religião e corpo ligados pelo tempo, ressalta sobre como foi importante e fundamental a crença religiosa definir os valores que o corpo carrega, livre de sentimentos hedonistas e voltados ao egoísmo, os valores morais de princípios religiosos também tiveram sua parcela relevante quanto aos cuidados e manutenção da saúde ainda atualmente, mas ainda que se confirme o conceito mais atual de corpo, esta não se exime do controle no corpo para manutenção do poder, vimos isso no conceito dividido entre o santo e o profano apresentadas como consequências das ações dos indivíduos sobre seus corpos no mundo e suas escolhas que podem levar à salvação ou perdição conferidas por uma divindade superior.
- Em contrapartida, o próximo tópico atenta para um espaço mais específico assim como nos templos ou igrejas, onde o corpo é o instrumento principal de uso pelos comportamentos, a EF, enquanto componente curricular obrigatório que se desenvolveu até certo ponto como um instrumento político-ideológico e de diversos caracteres até se afirmar como uma disciplina que trabalha através do corpo e da cultura que o veste; apresenta-se como uma disciplina que visa expandir ao máximo o uso do corpo de forma responsável sem limitação apenas no sentido físico e sem restrições imperativas que servem como inibidores da liberdade de expressão corporal.
- Por último, há análise nos *anais do CBCE, nas abordagens sobre o corpo religioso* no contexto mais atual pela perspectiva da comunidade científica de

educação física, onde o podemos entender se há coexistência entre corpo, educação física e religião no mesmo espaço e quem “prega” sobre isso.

Esse estudo colaborará para a construção de pesquisas mais específicas pela comunidade científica da área, nos congressos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, ou outros eventos científicos que sejam referências na produção de estudos e pesquisas sobre EF e no seu desenvolvimento enquanto disciplina ou na educação de modo geral.

2. O CORPO E SEUS SIGNIFICADOS

Um dos estudos sobre educação nos últimos anos sobre corpo, abordam um tema peculiar de duas perspectivas conceituais e morais que interagem numa relação de prevalência sobre os gestos corporais, do indivíduo educado ou não, o da área educacional (educação física) e religiosa (dogmas) com espaços distintos de atuação, mas que acabam se encontrando no corpo, isso são apontados na maioria dos estudos encontrados atualmente. Ao longo dos anos, estudos sobre religião e EF salientam, desde a história até os significados e implicações que permutam a noção do “corpo”, sendo esse o eixo central da relação entre esses campos distintos da área do saber.

O ser corporal, de acordo com Rodrigues (2013) é o retrato que os povos observam o corpo de maneira distinta, em seu sentido único e diferente de ser, implicando dizer que a forma como se lida com ele, não é universal. Isso se torna possível, de acordo com Gonçalves e Azevedo (2007) pelos significados construídos e moldáveis, que o transforma de acordo com as experiências vividas e convívio com outros corpos, criando desse modo, a imagem social que refletimos. Desse modo entendemos que:

A expressão corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com estilo particular do indivíduo. Os outros contribuem para modular os contornos de seu universo e a dar ao corpo o relevo social que necessita, oferecem a possibilidade de construir-se inteiramente como ator do grupo de pertencimento. No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros. Elas só tem sentido quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social. Não há nada de natural no gesto ou na sensação. (LE BRETON, 2006, p. 09)

Mas como o conceito de corpo foi construído ao longo dos anos? Através de uma análise do contexto histórico da formação das novas civilizações, uma dominação sobre outros povos, geravam uma influência na construção de novos valores, costumes e cultura também incidiu no conceito do corpo, as novas visões de mundo e sociedade geraram novos comportamentos dos povos dominados, num processo que a sociologia chama de “aculturação”, Rodrigues (2013, p. 02) destaca que “o pensamento da sociedade grega, da Europa cristã medieval e seu reflexo atual no contexto das igrejas”, é a influência de maior relevância que nos encaminha para mais perto da noção de cultura corporal e suas diretrizes no meio educacional e

religioso que temos hoje, mas essa relação não é oriunda de dominação por guerras, mas da noção do ser divino como a onipotência inquestionável.

O homem (indivíduo), de acordo com Rigoni e Daolio (2014) é levado a “gerir o corpo”¹ dentro ou fora do ambiente religioso, de acordo com conhecimento adquirido desse meio, o tornando intrínseco e insubstituível como parte de sua subjetividade. Esse conhecimento é tomado como norma de conduta e aplicado ao estilo de vida, que ele aceita como o mais adequado para si, desse modo, essas esferas do conhecimento, carregam consigo a pretensão de agenciar os corpos e o cuidado dos indivíduos sobre si, outrora sob caráter coercitivo, ou normativo dogmático. Diante disso, entendemos que:

[...] o corpo incorpora certo repertório de representações coletivas, oriundas de determinada cultura, num determinado intervalo de tempo. Sendo assim, o corpo tem uma história e conta uma história. História que, de certo modo, se confunde com a história social da humanidade. (RIGONI, 2013^a, p. 2)

O corpo na Grécia antiga, descrito por Rodrigues (2013) foi construído sob ideia de que seria, a morada da alma, baseado na visão Platônica (428-347 a.C.) de que corpo estava submetido a um patamar bem abaixo da alma e mente, já que as atividades relacionadas ao intelecto eram bem mais valorizadas do que as práticas corporais e que por outro lado, eram tidas como atividades irrelevantes, firmando o que temos ainda hoje de que o corpo nada mais é do que “um acessório da alma”, um receptáculo ou uma morada.

A partir dessa ideia, o mesmo autor, relata o papel do corpo unicamente como um acessório em detrimento de algo maior, o seu poder pensante. Já na Europa da Idade Média, o corpo ganha nova adaptação de caráter, sendo valorizado pela perspectiva estética, a sua forma e beleza agora exaltadas, são retratadas nos jogos olímpicos gregos, onde os homens participavam das competições totalmente “nus” de forma que a sua exposição era algo comum e bem visto pela sociedade da época e proximidade com a excelência deísta. Nesse sentido vemos também que:

O corpo nu é objeto de admiração, a expressão e a exibição de um corpo nu representava a sua saúde e os Gregos apreciavam a beleza de um corpo saudável e bem proporcionado. o corpo era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. Para os gregos, cada idade tinha a sua própria beleza e o estético, o físico e o intelecto faziam parte de uma busca para a perfeição, sendo que o corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante.(BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 25)

¹ Termo utilizado no artigo de Rigoni E Daólio (2014): “Corpos na escola: reflexões sobre Educação Física e religião”, se referindo à administração do corpo feminino evangélico na escola.

A saúde e a expressão do corpo nu estavam associadas à manifestação da criatividade dos deuses, em que este poderia ser adestrado, treinado, perfumado e referenciado e pronto para ser admirado pelos demais mortais, não se preocupando com o pudor físico, predominava a beleza do corpo masculino excluindo a concepção de beleza e uso dos prezares do corpo feminino limitando-as a atividades pouco reconhecidas e de pouca importância. Para os homens as regras eram mais livres, visto que, cada cidadão era livre de atingir o corpo perfeito, idealizado e, depois, expô-lo, além de servir como instrumento de combate, a ideia da melhor performance poderia elevá-los a excelência do que seria possível alcançar, quase à de um “deus” (Ibidem)

A representatividade através do próprio corpo, pela exaltação da beleza e da performance, revela uma transição de “utilidade” e conceito através da imagem, engajando-se numa nova configuração, que o limita apenas como estrutura física do ser humano, sendo resignado como um objeto sempre a ser trabalhado e ressignificado que para Gonçalves e Azevedo (2007), tal mudança de conceito sobre si, deveria avançar para concepção de sujeito, lhe “re-significando”², além do ser um “objeto útil”, considerando os outros aspectos do ser humano, o ser integral, o cognitivo, o afetivo e também o espiritual.

Na Idade Média, “o cristianismo institucional, uma das grandes religiões mundiais, foi responsável, em parte, pela concepção de corpo que temos”(RODRIGUES, 2013, p. 04), pois a religião propriamente dita, se fundamenta na crença que o indivíduo tem a cerca de algo ou alguém e até mesmo no nada, pois “ele vive num campo social e cultural marcado por fundamentos sistematizados pelas religiões (...)” (FREITAS NETO, 2017) e assim é levado a agir sobre si e os outros sob influência desses campos. Por conseguinte, apontamos que:

O corpo na idade média era percebido como centro dos acontecimentos, tendo uma idolatria divina sobre ele e uma conseqüente separação do corpo (res) profano, e espírito-mente (cogito) sagrado, sendo aqui definido como um instrumento de consolidação das relações sociais (...) A moral cristã tolhia qualquer tipo de prática corporal que visasse o culto ao corpo, pois o mesmo poderia tornar a alma, sagrada, em impura (Op. Cit. , 2007, p. 204).

O temor a uma divindade suprema que exige padrões de comportamentos que definem a salvação ou condenação de uma alma/corpo, é apresentada como parte de uma doutrina clerical para controle das ações dos indivíduos e assim

² Termo utilizado como referência do artigo “A Re-significação do Corpo Pela Educação Física Escolar, Face ao Estereótipo Construído na Contemporaneidade” dos autores citados no parágrafo.

exercer influência sobre as suas vontades a favor deles próprios para manutenção do poder.

Nesse período da supremacia cristã sobre estado e sociedade em geral, as demonstrações de domínio, controle e intervenção por parte da igreja não se limitaria excluindo o corpo das suas “posses”. “Os dogmas, como o medo da morte, a pecaminosidade do sexo e o medo do inferno, eram de grande importância para o comportamento do homem medieval” (PERCÍLIA, 2020), portanto, o clero tinha como ferramentas para controle social a ideia do céu e inferno, como consequência das boas e más ações sobre si, os outros e a igreja. A mulher era vista como agente do mal por levar o homem a pecar e se afastar do criador, pois “as mulheres estão ligadas essencialmente à sexualidade, e “porque nasceram de uma costela de adão”, nenhuma mulher poderia ser correta, assim elas tornavam-se ‘agentes do demônio’ como feiticeiras” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 27).

A representatividade do dualismo, se desarmonizavam nas ações do indivíduo dessa época de dominação cristã, limitava as vontades do corpo e para o corpo, pelos dogmas normativos impostos sobre os indivíduos. Rodrigues (2013, p. 5) diz que “(...) esse período da história foi marcado pelas representações dos opostos e o corpo não ficou fora dessa realidade. Tudo era dividido entre bem e mal, céu e inferno, sagrado e profano. As atividades relacionadas ao corpo ficavam como secundárias, não valorizadas pela sociedade”, só ganhava importância, aquele corpo subjugado e levado e sentir dor em detrimento do pecado, pois a dor tinha sua importância na purificação do corpo maculado.

Para o cristianismo, o corpo sempre teve uma característica de fé; é o corpo crucificado, glorificado e que é comungado por todos os cristãos. Como sabemos, as técnicas coercitivas sobre o corpo, como os castigos e execuções públicas, as condenações pelo tribunal do Santo Ofício (a Inquisição – oficializada pelo papa Gregório IX), o auto-flagelo marcam a Idade Média. (Op. cit., 2011, p. 27).

Rodrigues (2013, p. 05) ainda ressalta, que “o cristianismo resume a atitude de recusa”, pois o homem devia descobrir-se como alma que deve lutar contra os desejos carnis para escapar da morte e conquistar o conceito de eternidade e a salvação, que a igreja apresentava na época. O fazer para satisfazer o eu, era repugnado ante a pureza pregada pela igreja, restringindo a qualquer custo, práticas corporais que poderiam levar ao pecado (sexo, lutas, dança erotizada, teatro etc.). A liberdade era confundida com a libertinagem, então restringi-la a posse de poucos

era forçar uma santidade que limitava toda forma de expressão individual que o indivíduo pensasse em fazer do uso do próprio corpo.

Mesmo no “uso do corpo”³ para vontades individuais, implica dizer que os modos de gerir o corpo e como o utilizamos interferem nos modos de outros indivíduos, afirmado por Rigoni (2013^a) que “somente nos tornamos conscientes de nós mesmos nos olhares que um outro lança sobre nós”, tais vontades, são advindas das influências do tempo, pessoas, gênero, lugar e educação, alargando assim, as possibilidades de interpretá-lo através dos contextos socioculturais e criando uma identidade nessas possibilidades e representatividade única e própria de compô-lo, devido às interações sociais que nos conscientizam de nós mesmos. Uma análise do conceito e utilidade sobre o corpo atualmente, não se distancia do que deveria outrora ser superado, pois ainda hoje, o corpo é usufruído como canal de prazer limitado, que busca satisfação o quanto mais for utilizado em seus prazeres (sexo, drogas, vícios etc.), resignando-o como um canal (objeto) apenas.

No renascimento, houve a quebra de domínio sobre as concepções dos modos de viver, as ações humanas agora foram guiadas pela ótica do método científico. No século XVII, o corpo passa servir a razão (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011), portanto, o avanço científico e técnico produziram, nos indivíduos do período moderno, a confiança de se crer na razão com base técnico-científica como a fonte suprema de conhecimento, passando do teocentrismo para o antropocentrismo (Ibidem) abraçando ideais e ideias iluministas, a razão ou racionalismo.

O pensamento iluminista negou a vivência sensorial e corporal, atribuindo ao corpo um plano inferior. Paralelamente, as necessidades de manipulação e domínio do corpo concorreram para a delimitação do Homem como ser moldável e passível de exploração.(Ibidem, p. 28),

Nesses contextos que leva sobre si, o corpo ainda é aprisionado no estereótipo de “objeto de estudo” no período Moderno, pois é dividido sob uma visão antropológica das áreas de conhecimento, tornando-se multifacetado moldado pelo viés desses saberes “(...) a diferença é que se antes a Igreja possuía o monopólio das regras sobre os “usos do corpo” e da alma, hoje, ela disputa o domínio com outras esferas do saber” (RIGONI, 2013^a, p. 06) que lhe dão novos parâmetros.

³O termo “usos do corpo” faz referência à noção elaborada por Marcel Mauss (2003) no texto “As técnicas corporais” utilizada por Rigoni e Daólio e Roble (2014) também em “Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty (2012)”.

[...] Psicólogos, esteticistas, nutricionistas, e outros ainda, elaboram discursos que ditam “normas” de se portar em relação aos aspectos corporais. É neste sentido que atribuo importância a este debate para a área da Educação Física. Afinal, estes profissionais, assim como psicólogos, esteticistas, nutricionistas, e outros ainda, elaboram discursos que ditam “normas” de se portar em relação aos aspectos corporais. (Ibidem)

Em se tratando dos “usos do corpo”, a tentativa de gestão por parte da instituição religiosa passa a competir com outras instituições e profissionais, dentre eles os psicólogos, esteticistas, professores de Educação Física, nutricionistas, terapeutas e outros ainda, que nesta disputa elaboram discursos com vistas a ditar “normas” de se portar e cuidados de si. (Ibidem, 2013^c, p. 55)

Partindo da dimensão teocrática do significado do corpo, nos atentamos também, a uma área do saber específica no lidar com ele: a educação física. O significado do próprio nome que carrega, nos permitiria afirmar, que essa área do conhecimento humano é responsável por toda e qualquer decisão sobre o corpo que o indivíduo for educado a tomar, mas não é tão simples, visto que o indivíduo é formado por diversos saberes que norteiam seus pensamentos, tomadas de decisões e implicações sobre o corpo, ela de fato, não é exclusiva como seu nome sugere.

Seu “papel pedagógico deve visar à libertação integral do ser humano e à recuperação de sua dignidade corporal, buscando autonomia de movimentos corporais” (GONÇALVES E AZEVEDO, 2007, p.203), e nesse ponto que podemos destacar uma importante diferença sobre o domínio do corpo e suas implicações no “fazer educação física”⁴ junto à perspectiva religiosa na cultura corporal, termos como “libertação integral e autonomia de movimentos” dão desfecho ao que vem sendo discutido nos últimos anos sobre essa relação dos saberes outrora conflitantes, e os rumos que estão tomando para as possibilidades de concessão à prática nas escolas.

No livro “O que é educação física?” de Vitor Marinho De Oliveira (1983, p. 08), o autor destaca na pré-história, a dependência do homem em relação ao “movimento”, de que este, “precisava de força, velocidade e resistência para sobreviver, e também para atividades até então reconhecidas apenas por questões utilitárias, guerreiras e ritualísticas” (oferendas e comemorações às divindades),

⁴ O termo “fazer educação física” é citado no artigo “A Re-Significação Do Corpo Pela Educação Física Escolar, Face Ao Estereótipo De Corpo Ideal Construído Na Contemporaneidade” de Gonçalves e Azevedo (2007)

portanto, denota-se por esse uso do corpo, um caráter prestativo, como ferramenta para sobrevivência e reverência.

A escola, no que lhe concerne, seria um campo, “do ponto de vista teológico”, suscetível a diversos contatos sociais, onde o risco com a aproximação do profano (SOUZA, 2015) se apresenta como um forte argumento para a “não prática de atividades corporais” como a dança e luta por exemplo, tais práticas podem carregar significados de cunho mundano ou de ameaça a religião vigente, por exemplo, a representatividade que a capoeira carrega consigo, sendo um tipo de dança/jogo, característico da cultura africana (COLUMÁ, 2013) e que se familiariza com a umbanda ou o candomblé, iria à contramão do sistema religioso cristão ou protestante, que temem ao mesmo Deus com o embasamento teológico nas sagradas escrituras bíblicas.

A diversidade dos valores impregnados nos discursos normativos de cada sociedade temporal, se manifestam nas diferentes áreas de atuação do corpo e suas habilidades para manutenção da estrutura social vigente, que pode ser o corpo trabalhador, disciplinador, empregador, educador e educado etc. dentro delas estão permeadas nas práticas corporais destacado pelos autores citados, como um dos motivos de discussão nessas áreas do conhecimento, como o corpo do aluno deve se portar? O corpo do aluno é uma corda puxada por dois lados num jogo do fazer e não fazer consigo mesmo, num determinado espaço e tempo, como um cabo de guerra, pois os significados impressos nas práticas corporais de movimento em algum momento se distanciam, das que são tidas como aceitáveis pelas denominações religiosas.

Essa análise parcial, nos propicia olhar mais amplo para questões do trabalho e educação do corpo e para o corpo, não negar um conhecimento em detrimento de outro, mas, entender a ligação que pode haver entre ambos e como contribuem na construção do saber do aluno, pois ambas fazem parte do estilo de vida que o sujeito leva na trajetória de sua existência.

Trabalhar a utilidade e o cuidado do corpo não mais fragmentado, mas sim, interligado com a mente e espírito em harmonia, assim evita-se diminuir seu alto potencial educativo, na aquisição do conhecimento “pleno” dos conteúdos trabalhados nas escolas pela EF; nos sentidos que o corpo carrega consigo através

do tempo, espaço e cultura, entenderemos a justificativa para esse trabalho no contexto atual como os períodos históricos multifacetaram o conceito corporal.

3. O CORPO DE ANTES, HOJE E DEPOIS

O corpo, apresenta variadas composições especificadas em áreas do conhecimento que lhe conferem sentido e análises mais específicas, nos atentamos ao corpo humano e sua representatividade nos aspectos educativos escolar e eclesial (superando o conceito de organismo biológico e social apenas), que seguem orientações do conhecimento científico-pedagógico e bíblico/dogmático ou místico respectivamente, as respostas do conhecimento científico que formam as definições e os conceitos desse objeto de análise/estudo, aparenta limitá-lo como algo ou coisa que possuímos sem um conceito determinado. Não o reconhecer como uma figura distinta nesse universo de significados, é negar a si mesmo no quesito, conhecimento próprio e conhecimento dos outros, já que são partes disso que dão sentido à vida e de seu usufruto.

Rodrigues (2013, p. 01), descreve que “o corpo não é algo pronto e imutável, mas que está em constante transformação como nossa sociedade”, isso implica afirmar que assim como mudamos usando do livre-arbítrio, também somos mudados pela influência dos contatos sociais, assim, o que o sujeito permite mudar e a noção do seu corpo a seu bel-prazer sofre influência do que é comum a maioria, é ignorado o fato que a interação com o meio exerce um poder sobre as tomadas de decisões quase são quase imperceptíveis. Ainda que se perca na questão da moralidade estabelecida no contexto social inserido, é no corpo social que lhe é conferida a sua primeira vestimenta, as impressões do outro (vontades, aparência, identidade etc.), de fato, “(...) a observação de um corpo mostra também suas características como participante de um grupo social” (Ibidem).

Essa primeira roupagem conferida ao indivíduo em seu contato primário com o ambiente que está alocado, dá significados aos comportamentos que o adequam a ser e fazer o que é comum no grupo social, lhe conferindo uma identidade individual, mas com reflexos do coletivo sendo “(...) uma estrutura simbólica, superfície de projeções, possível de unir as mais variadas formas culturais” (GONÇALVES E AZEVEDO, 2007, p. 204). O corpo moldável é aquilo que lhe ensinaram a ser e, nesse molde o corpo pode ser o “objeto ou sujeito” (Ibidem, p. 203), levado a ser gerenciado conforme educado, ainda “(...) que não seja determinado de forma absoluta pelo social” (RIGONI, 2013^c, p. 48).

Já ao nascer somos submetidos a uma série de classificações, quase sempre de ordem biológica. Em meio a estas classificações sobre o corpo naturalizamos certos padrões e a partir deles operamos com escalas, que vão do “ideal” ao “não recomendado”. Aqueles que mais se aproximam dos modelos - construídos socialmente, mas tratados como naturais – são mais valorizados e encontram-se acima nesta escala. (Ibidem, p. 57)

Mas afirmar esse pensamento, não limita o corpo apenas como um instrumento de impressão do meio de convívio, o homem não é constituído apenas no sentido coletivo de existir, mas também a suas particularidades próprias que lhe conferem sua autonomia no uso de si. A educação carrega essa responsabilidade de ensinar o que se deve aprender, como um contrato de convívio social, onde o indivíduo educado segue as regras e normas estabelecidas naquela cultura vigente para não sofrer retaliações como exílio/exclusão ou perda de sua identidade étnica, então conclui-se que seu comportamento se apresenta como algo direcionado e condicionado, portanto, controlado. Conseqüentemente, pontuamos que:

Existir significa em primeiro lugar mover-se em determinado espaço e tempo, transformar o meio graças à soma de gestos eficazes, escolher e atribuir significado e valor aos inúmeros estímulos do meio graças as atividades perceptivas, comunicar aos outros a palavra, assim como um repertório de gestos e mímicas, um conjunto de rituais corporais implicando a adesão dos outros. Pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transformando-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural. (LE BRETON, 2006, p. 08)

Fato é, que na construção de sociedades, as instituições sociais (religião, cultura, política, etc.) são as responsáveis de certa forma, pelo controle e norteio dos indivíduos, por fim, dos corpos ou “corpo social”⁵, já que este indivíduo é um ser que passa a existir naquele meio, implica dizer que suas ações, comportamentos e gestos, são e podem ser notadas pelo interpessoal nas manifestações de seus “modos de estar no mundo e (...) escolher caminhos” (RIGONI, 2013^c, p. 24), assim, seu “modo de viver” em sociedade o adiciona a ser mais um subjugado a condições normativas impostas por elas, através das leis e punições caso sejam infringidas.

No entanto, ainda que esteja sob tal condição, o indivíduo possui também a sua individualidade como forma de distinção dos que compõem também a estrutura social que fazem parte, pois “se a carne nos revela coisas sobre o outro, ela também oculta modos de pensar e agir deste” (RIGONI, 2013^c, p. 24) e é no pensar que

⁵ Termo utilizado para apresentar o “sujeito e seu corpo”, carrega um significado macro na sociedade e, que ele se apresenta como parte daquele meio e tudo que o compõe; uma matéria a ser trabalhada num processo de molde, educando-o para agir como lhe foi instruído. Pierre Bourdieu menciona “o corpo socializado” como já no processo final de educação para este fim.

possuímos o monopólio de decisão, na construção de conceitos, opiniões, suposições e ideias sobre si o outro e o mundo, de maneira que, Rigoni (Ibid.) ressalta que é no corpo onde ficam marcados os tipos de educação que nos levam a expressar fisicamente as coisas como também a escondê-las. Pensar e agir, estão intimamente ligados às possibilidades do sujeito viver para si, para o outro e para o mundo, o corpo manifestado e exprimido, vai além do que simplesmente ter um significado em si mesmo, pois “(...) não são apenas as marcas físicas incrustadas nos corpos, mas suas gestualidades e ações também fazem parte de um repertório de significação social, de seus modos de “estar no mundo” e, neste caso, de seus modos de “escolher caminhos” (Ibidem)

Esses “caminhos” são questionados em pensamentos, do porquê e para que agir, comportar e pensar de tal maneira, então, pensar no corpo, levado a uma reflexão pessoal, do pensar social para o “pensar em si”, remete às suas possibilidades e importância do corpo útil e por que não, inútil? Indagações antropológicas como: Por que existo? O que faço com isto ou para isto? Para que sirvo? Permitem com que as instituições sociais controle as decisões que o indivíduo toma por si e em si mesmo, pois eles modelam pensamentos e conferem utilidades ao “ser corporal”. Por serem a base da estrutura organizacional de uma sociedade, o corpo é o “objeto” de interesse desses conhecimentos, para ser usado conforme o necessário, quer seja para o trabalho ou para satisfação hedonista.

Logo que requisitado para atender uma determinada exigência, o corpo-objeto, adapta-se para atingir o que lhe é pedido nas tarefas do cotidiano para uso pessoal ou de outrem, visto que as atividades diárias não se restringem apenas a um único campo social, desse modo é possível afirmar que o “uso do corpo” nesse sentido, é o corpo que se adapta também no aspecto micro de tempo (hora, dia, semana, mês) e não somente macro (anos, décadas, séculos, milênios, eras) que lhe enriquece a história apenas. Então, “o fazer” com o corpo no agora, ganha um sentido e valor de “(...) objeto, apoiado numa materialidade física, que incorpora em si a forma de mercadoria” (GONÇALVES E AZEVEDO,2007, p. 205), o corpo religioso, o corpo educacional, o corpo trabalhador, o corpo sexual, o corpo familiar, o corpo financeiro, corpos e corpos.

Um dualismo contemporâneo aliado ao avanço tecnológico apresenta-se separando o homem de seu próprio corpo que é transformado em um objeto a ser moldado e modificado, conforme o gosto do dia. Desse modo, equivale-se ao homem no sentido em que, se modificando as aparências, o

próprio homem é modificado, em razão das exigências nos diversos setores da vida (escola, trabalho, esporte etc.) (Ibidem, p. 206).

A visão sobre o corpo do período Moderno, apanha do conceito corpo-objeto (mercadoria) para lhe dar um significado mais específico, o de máquina. Essa nova “mercadoria” desempenha seu papel (ainda) social como base da nova estrutura socioeconômica, o da força para o trabalho em função do tempo (jornada de trabalho):

Esta visão moderna traz em si um modelo de corpo-máquina, socialmente oprimido e manipulável, visto do prisma do ganho econômico a qualquer custo. (...) A exploração recaía, também, sobre o corpo de quem trabalha, no intuito de maximizar a utilização da força de trabalho. Sem dúvida, está implícita uma prática domesticadora que impossibilitava a corporeidade do trabalhador. (Ibidem, p.205).

Diante disso, o indivíduo aprofunda-se ainda mais num tipo de prisão sobre o decidir por si mesmo, limitando ou perdendo em certos casos a sua corporeidade (o gesto como movimento expressivo originário da linguagem) ressaltado por Daolio, Rigoni e Roble (2012, p. 184) que “(...) o sentido prático orienta “escolhas” que não deixam de ser sistemáticas só por não serem deliberadas”, já que incorporamos os gestos e habitus⁶ da ordem social. Ainda que possa haver uma individualidade do sujeito, “há uma construção social do corpo e do gesto, mas que se impõe diferenciadamente a cada indivíduo, de acordo com suas condições de estar no mundo (Ibidem, p. 185).

Por conseguinte, os mesmos autores em seus estudos sobre corporeidade, apresentam uma contraposição entre o corpo biológico e o corpo social, partindo do diálogo entre ambos de que, o sentido e significado corporal é subjetivo ao sujeito pois lhe é intrínseco, ampliando o conceito de corpo para si e os outros, não reduzindo-o à ordem de natureza humana apenas.

(...)A princípio, o corpo (carne) como modo de apreensão sensível do significado, o qual não é possível de ser reduzido à ordem da natureza humana. (...)As percepções e as apreensões do mundo estão fundamentadas num corpo biológico, concomitantemente elas são definidas pela sociedade e pela cultura específica de cada grupo. (Ibidem, p. 186)

O corpo também exprime sentidos e significados de maneira subjetiva, demonstrando desse modo o ser presente no mundo, as ações de si e sobre si, demonstram não somente a imagem de um corpo social útil, mas, um corpo expressivo que nem sempre é condicionado à ordem social e sim às manifestações inerentes às suas vontades através dos gestos, pois o sujeito é também um corpo pensante de propriedade único e exclusivo do próprio sujeito. Daolio, Rigoni e Roble

⁶BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.

(2012, p. 187) afirmam que “o corpo é tanto expressão de uma conduta como criador de sentido, uma vez que, antes da expressão, há apenas uma ausência. O que preenche as lacunas dessa ausência é o gesto. A presença do outro se faz pela carne”.

Essa “carne” do século XIX, mais uma vez se ressignifica, não como mera produtora da força para o trabalho subserviente ao estado apenas (corpo-máquina), mas como uma carne que produz riquezas em si pelo ato do consumo, na lógica de que o trabalhador-produtor recebe o seu salário e o devolve no ato da compra daquilo que ajudou a produzir. Para manter esse ciclo perene é necessário reorganizar (mais uma vez) os conceitos sociais de valor sobre o corpo e tirar proveito desse valor em si, superestimando a aparência e autoestima pelo novo conceito de beleza. É sempre útil e importante moldar as opiniões individuais desse corpo “produtor-consumidor”, a fim de que esteja sempre a favor da economia, “nesta lógica de produção capitalista, o corpo mostrou-se tanto oprimido, como manipulável. Era percebido como uma “máquina” de acúmulo de capital” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 28), todo esse arcabouço de conceitos corporais sociais convergem para o que conhecemos hoje de “corpo econômico”.

Com o desenvolvimento técnico-científico, a facilidade de acesso ao saber permitiu com que as possibilidades de “fazer” do corpo individual, crescessem exponencialmente, novas tecnologias e vivências advindas da revolução industrial permitiram com que as pessoas tivessem novas experiências e interações com o novo que se refletiriam em novos comportamentos, gestos e por fim, um “novo corpo”.

A evolução da sociedade industrial propiciou um elevado desenvolvimento técnico-científico. As novas possibilidades tecnológicas propiciaram à elite burguesa moderna, um crescimento de técnicas e práticas sobre o corpo. O aumento da expectativa de vida, os novos meios de transporte e comunicação expandiram as formas de interação e realização de atividades corporais. De facto, o fácil acesso à informação trouxe infinitas possibilidades ao conhecimento. (Ibidem)

Essa ambivalência de sentido do “novo corpo” remete, à nova noção criada do corpo no contexto contemporâneo e a valorização da saúde emaranhada ao conceito de beleza onde o corpo belo é o mais novo, forte e saudável, dessa forma, o ideal de beleza estabelecido o aprisiona para o sujeito o busque a “qualquer custo” a fim engajar-se cada vez mais, pois “cada vez mais pessoas investem no seu corpo, com o intuito de obter dele mais prazer sensual e de lhe aumentar o poder de

estimulação social, assistindo-se a um mercado crescente de produtos e serviços”. (Ibidem, p. 29).

Os media veiculam maioritariamente corpos que se encaixam num padrão estético inacessível para grande parte das pessoas, mediados pelos interesses da indústria de consumo. Modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza, num jogo de sedução e imagens. veicula-se a representação da beleza estética associada a determinados ideais de saúde, magreza e atitude. (Ibidem)

O corpo produtor-consumista é levado a tomar decisões sobre si para agradar as expectativas do outro com finalidades diversas e, nisso “as indústrias da beleza e da saúde têm no corpo o seu maior consumidor”(Ibid.), pois o indivíduo crer que o status de aceitação pessoal/social será alcançado caso esteja dentro do padrão de consumo do corpo e para ele, não poupando gastos para alcançar o ideal de beleza que o classifica como feio/bonito, aceitável/inaceitável, nesse ponto o consumo da beleza “aparente” ou visual é tomado de grande valia.

Parece surgir uma nova forma de solidão, o sentimento do próprio corpo, um novo isolamento que não é protegido pelo espaço privado, mas posto à prova no meio da multidão, um corpo que deve administrar a ausência de contactos. Esta vivência passiva e defensiva é notória na forma como as pessoas caminham, no modo como se movem e evitam o contacto físico, criando guetos individuais. (Ibidem, p. 28)

Tal valor de busca desse ideal de beleza, demonstra a “liberdade” que o sujeito agora exerce sobre si mesmo no ato do consumo, pois a tecnologia por meio veículo de comunicação em massa, incita-os a recriarem-se conforme quiserem e levados a superarem para melhor, um ideal exagerado de status pelo conceito de corpos belos, a fim de ganhar “maior” reconhecimento e visibilidade, assim, o indivíduo vive até certa medida, para satisfação pessoal suprimindo as vivências corporais dos contatos sociais que foram até então “roubados” pelas novas tecnologias de consumo, ser mais e melhor em tudo que lhe for sugerido a ter e a ser para si, aprovado pelos outros em seus individualismos corporais cibernéticos, em seus cyber espaços onde o corpo pode ser apresentado numa vitrine e aprovados através de curtidas ou likes.

A padronização dos conceitos de beleza, ancorada pela necessidade de consumo criada pelas novas tecnologias e homogeneizada pela lógica da produção, foi responsável por uma diminuição significativa na quantidade e na qualidade das vivências corporais do homem contemporâneo.(Ibidem, p. 29)

E atualmente na pós-modernidade, o assalto das mídias de consumo e propaganda para o “novo” uso do corpo promove a sensação de liberdade do sujeito para ser o quiser ser da “forma” que melhor lhe compraz, pois agora não há limites demais para agir em seu próprio corpo, devido as intervenções tecnológicas

que modificam o que outrora não era possível no corpo, advindas do século passado. Hoje ele não mudou de significado e de simbologia apenas, mas especificamente mudou também o seu físico pelo prisma estético, pois cada “parte do corpo” recebe um cuidado especial no mercado de consumo da beleza, pois hoje é possível aumentar ou diminuir o tamanho do nariz, da boca, clarear os dentes ou bronzear a pele, remover espinhas e gordura corporal, implantar cabelo, silicone, etc. uma gama de possibilidades lhe é ofertada nesse “mercado do corpo” (RIGONI, 2013^a, p. 8), fazendo crescer a autonomia do querer ter e ser que homens e mulheres podem usufruir; dessa forma, há muito investimento na imagem externa que apresenta o corpo (dinheiro, tempo, tratamento, opinião, importância, etc.).

Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento a determinado grupo social. O corpo torna-se, desse prisma, um acessório, um objeto imperfeito, um rascunho a ser corrigido, trata-se de usar a tecnologia para de fato mudar o corpo, pois o corpo exaltado não é o mesmo que vivemos, mas um retificado e redefinido para atender padrões sociais estabelecidos como ideais.(GONÇALVES E AZEVEDO, 2007, p. 208)

Esses serviços prestados à beleza podem despertar também nos sujeitos o egotismo que é o conduzir para si mesmo a atenção, revelando pouca ou nenhuma consideração pelas opiniões dos outros, isolando-os numa área restrita que compete somente a eles, ressaltando mais a privacidade e individualidade. O outro tipo é de viver para si ou satisfazer a autoestima na expectativa do outro (namorado(a), empregador(a), empregado(a), clientes, amigos, família etc.). Esse contexto reconfigura o próprio âmbito social de que a imagem é uma arma que possuímos (mediante o esforço) para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais, a fim de conseguir aprovação dos outros num tipo de “valoração da aparência desse corpo no social” (Ibidem, p. 207) e “imitar e aprender gestos de pessoas que, de certa forma, obtiveram sucesso” (DAOLIO; RIGONI E ROBLE, 2012, p. 184). Esses são alguns dos “caminhos” que o sujeito pode trilhar para trabalhar na sua própria carne.

Nesse novo mundo (pós-moderno) nada deixa de causar mudanças (ainda que insignificantes) depois do contato com o diferente, ideologias e manifestações de poder quando entrelaçados, além de submeterem outros corpos, promovem discursos que normalizam e os asseguram na condição de subordinados/influenciados para agirem e se comportarem de “livre e espontânea vontade” aos interesses de uma minoria que dita como gerencia-lo em função do científico, tecnológico, publicitário, médico, estético e econômico, “um totalitarismo

que acontece por meio do consumo que homogeneíza padrões de comportamentos e de gosto, atribuindo ao indivíduo a responsabilidade pelo cuidado com seu corpo” (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 184).

Apoderam-se de certa forma, da vida simbólica e subjetiva do indivíduo, interferindo nas dimensões expressivas que o compõe, alegando: seja o que quiser e puder ser, mas como nós aprovamos“. A cultura do consumo, apesar de não ser a única maneira de reproduzir a vida cotidiana é, seguramente, o modo dominante, tendo um alcance prático e uma profundidade ideológica que lhe permite estruturar e subordinar amplamente todas as outras”. (Ibidem, p. 179)

A natureza do individualismo e da identidade, relacionada com as alterações sociais, está também relacionada com o avanço científico. Na dimensão produtiva da era moderna, o corpo passa a depender da nossa ação tecnologicamente avançada. o corpo em forma apresenta-se como um sucesso pessoal, ao qual homens e mulheres podem aspirar. De facto, as tecnologias pesquisam e propõem aos indivíduos que há formas para se regar a forma do corpo, reduzir a distância entre o que quer o pensamento e o que quer o corpo – moderadores de apetite, alimentação saudável, sem colesterol ou calorias, drogas para controlar a impotência sexual, a insónia, a angústia, a depressão. (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 30)

Frente à isso, aflora-se o sentimento nato de transpor toda e qualquer limitação à própria vontade, do uso do corpo e no corpo, cria-se uma identidade dos que visam ultrapassar o ideal de beleza imposta pela cultura vigente, unindo os interesses comuns a pequenos grupos que compartilham de valores comuns, criando uma identidade mais específica pelo uso do corpo através dos estilos, ampliando ainda mais os estereótipos sociais, não mais designados a serem como sugeriam, “(...) desígnios estes que sempre foram diferenciados para “homens” e “mulheres” e, no que diz respeito a certo tipo de “ditadura corporal” (RIGONI, 2013^a, p. 7), mas torna-lo mais individual possível, à vontade própria.

Desta forma, os indivíduos deixam de ser regidos por padrões a serem seguidos, assumindo cada um as suas escolhas e identidades. Contudo, esta espécie de autonomia corporal funcionará apenas como uma tendência, já que, na prática, apesar da variabilidade dos adereços e estilos, estes não parecem estar desvinculados de uma cadeia de produção e da identificação com um determinado grupo de referência. Como ilustração desta multiplicidade de estilos, vemos, por exemplo, o aumento dos corpos tatuados, dos cabelos pintados das mais diversas cores, os piercings ou o vestuário, que vai desde a moda mais clássica, à moda hippie dos anos 70, punk, funk, rapper, surfista, entre outros. (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 30)

Algo mudou do período Moderno?

“Poder-se-á dizer que o corpo pós-moderno não se desvincula da modernidade, mas é capaz de recriar, de inovar e fazer rupturas” (Ibidem, p. 31), o corpo que outrora era dividido, mas ao mesmo tempo interligado com a mente

(poder e saber), agora encontra-se mais fragmentado pelos campos social, estético e político.

O físico agora decompõe-se em músculos, glúteos, coxas, seios, boca, olhos, cabelos, órgãos genitais etc. a publicidade ou os avanços da medicina, parecem transformar cada um destes pedaços num potencial alvo de consumo e de tratamento (ex. reconstrução do nariz, implantação de cabelo, preenchimento de rugas, cirurgia correctiva das mamas e já decorre uma fragmentação maior – a descodificação do código genético do corpo humano. (Ibidem, p. 30)

Não que possamos afirmar que ele possui um conceito pronto e estabelecido pelo “determinismo social e biológico” (DAOLIO; RIGONI E ROBLE, 2012, p. 191) ou subjetivismo filosófico e objetivismo científico que lhe “vestem” de significados, mas sim superá-los nesses saberes que ditam e determinam o que o corpo não é, algo pronto e acabado, mas como um conceito ainda em construção, ou *vestindo novas roupagens*; repleto de estigmas que denotam em sua trajetória remodelações de culturas desde os tempos remotos.

O corpo aglutina à sua essência mais e mais significados, simbolismos, representações e sentidos, pois passa pelo processo de ressignificação na medida que o *cronos*⁷avança, então presume-se que a “experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da cultura, é um conceito construído(…)” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 31). Os mesmos autores pontuam que “é importante salientar que os períodos considerados não se constituem de forma independente uns dos outros, mas vão-se encadeando uns nos outros ao longo do tempo” (p. 24).

Assim presume-se que “o corpo é hoje um desafio sociopolítico econômico (...) redescobri-lo escreve um movimento que permite re-significá-lo como um potente marcador social da contemporaneidade” (GONÇALVES E AZEVEDO, 2007, p. 203), ele pode ser o que o indivíduo, o outro, a sociedade e a natureza quer que ele seja! “O corpo não se revela apenas enquanto componente de elementos orgânicos, mas também enquanto facto social, psicológico, cultural, religioso” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 32) e é no místico que temos o conceito mais antigo sobre ele e no trato de como lidar com ele sob a vontade de uma divindade.

⁷ Termo grego para se designar ao tempo; utilizado no texto para enfatizar o espaço-tempo desde Grécia Antiga até o século XXI na construção do saber do corpo.

4. A RELIGIÃO E O CORPO LIGADOS PELO TEMPO

Religião, de acordo com o minidicionário Luft (2000, p. 569) é “cada um dos vários sistemas de fé baseados em tal crença”, uma instituição social que agrega conceitos desde o sentido da vida até o após dela, ligado a imagem de uma figura divina ou não, podendo ser subjetiva ou comum de um grupo conectado por uma identidade (étnica, racial, social, cultural etc.).

A religião é entendida como a crença em níveis de existência superiores à vida material e terrestre, como a convicção de que nesses níveis superiores se encontram a causa e o sentido da vida e como a regulamentação da vida pessoal e coletiva e a organização de atos específicos com o objetivo de conhecer o mundo superior e obter dele algum benefício material, espiritual ou ambos. A religião é um fenômeno presente em todas as culturas e civilizações. As diferenças entre as várias religiões derivam da maneira como cada uma concebe o mundo superior e as relações entre ele e os homens.(DA SILVA, EDMILSON; DA SILVA, FIGUEIREDO, 2009, p. 556)

Delas surgem as denominações religiosas predominantes de sufixos com terminações de “Ismo e Ista” como: O Judaísmo, Budismo, Islamismo, Catolicismo, Batista, Adventista, etc. sendo que algumas dessas denominações segregaram-se de outras religiões primárias como o Judaísmo, Cristianismo e o Protestantismo. Mas antes mesmo de haver um conceito estabelecido sobre a religião propriamente dita, analisaremos o conceito e importância do corpo nas civilizações antigas e suas relações com suas divindades que desencadeou, ainda hoje, nas práticas do fazer com o corpo.

Antes de desenvolver sobre o corpo a ótica religiosa através dos tempos, nos atentemos aos conceitos de manifestação da crença do passado, a ideia e a noção dos deuses que é baseada na crença da superioridade de seres espirituais que controlavam a vida e seu curso, visto que tudo que foi criado pressupunha um criador/criadores de quem se podia obter favores. A divisão entre cristianismo e paganismo foi o início do conceito de religião que hoje temos diversificado, as práticas de uma (em parte) negavam a da outra, as culturas pagãs predominavam na antiguidade sobre o cristianismo (não estruturado como crença), hábitos primitivos como sacrifícios e tipos de oferendas às suas divindades eram bem comuns, o agir com o corpo tinha (tem) uma parte importante no culto aos deuses durante atividades ritualísticas.

A função social do sacrifício religioso, que para eles concentra-se na prática de certos rituais realizados com o objetivo de manter o contato com a esfera

divina. Percebemos que existia uma profunda relação entre estes rituais e o corpo do fiel que o praticava, pois eram justamente os gestos realizados durante o ritual que davam significado a ele(...) Rituais praticados por indivíduos de um determinado grupo para iniciar ou manter o contato com deus, ou ainda deuses, dos quais têm necessidade. Ou seja, o sacrifício é composto de atos e rituais que servem para colocar em contato o mundo do sagrado com o mundo do profano.(RIGONI, 2008, p. 87-88)

O corpo assimila como experiência abstrata o envolvimento com o mundo místico de modo que a forma como se exprime é o que supõe ser do agrado de seu deus, “a realidade corporal é o local onde se depositam as fantasias, as sensações, os desejos, o real e o imaginário, ou seja, toda a subjetividade humana” (MAROUN e VIEIRA, 2008, p. 184), “a busca por uma relação com o sagrado parece constituir o ser humano e, por isso, independe de fatores culturais” (MARTINS, 2003, p. 27) ele continua a dizer:

“O corpo altar é aquele no qual tudo é santificado, uma doação material ao infinito, renegando a posse do que é material em favor daquilo que é eterno; já o corpo oferta é a maior prova de abnegação, no qual o próprio corpo é oferecido como prova de sujeição ao santo” (Ibidem, p. 30).

A entrega de si (corpo físico e devoção), é a maior dádiva que o indivíduo pode oferecer a seu deus pois o corpo por si mesmo sem a energia vital que lhe dar a vida, de nada tem valor se não for útil no fazer, pois “A existência está condicionada ao corpo” (Ibidem, p. 2), e por meio dela a vida lhe confere significado de ser reconhecido como “alma vivente”⁸, Martins (Ibidem, p. 4) discorre:

(...) para entender o ser humano, preciso ir para dentro ou para fora dele, começo a reduzi-lo e a distanciar-me do local da existência: o corpo. Todas as realizações, sonhos, criações, emoções, acontecem inequivocamente no corpo. Por isso, buscar entendê-lo é buscar entender a existência.

A existência do ponto de vista teogônico tem um sentido e significado em sua máxima expressão vital, que vai desde servir aos deuses a morrer por eles, entregando-se por toda a vida a disposição de servi-los a fim de agradecer ou até mesmo evitar punições, além de se entregar como oferta viva a fim de achar mercê de seu senhor.

O ritual geralmente acabava com a morte da vítima que era levada pelo deus ao qual tinha sido oferecida. Esta vítima podia ser tanto um animal, um alimento, como um membro da tribo. No último caso, o sacrifício era literalmente corporal, pois o indivíduo entregava seu próprio corpo à morte (...) Pois a partir do momento em que um indivíduo se sacrifica, ele espera um retorno de deus por isso. (RIGONI, 2008, p.88)

Na passagem bíblica de 1 Reis 18, é descrita o embate espiritual entre a crença pagã e a cristã onde o sacrifício corporal é o canal de demonstração dos

⁸ Termo bíblico utilizado em Gênesis 2:7 para enfatizar o homem/mulher que possuem corpo, mente e espírito, como elementos integrais e indissociáveis, quando recebeu o fôlego de vida como dádiva de seu Criador.

poderes de ambas as divindades (Baal e o Deus Cristão) por intermédio de seus representantes os profetas e sacerdotes, é mencionado no versículo 28 que “eles (profetas de Baal) clamavam em altas vozes e se retalhavam com facas e lancetas, segundo seu costume, até derramarem sangue” (BÍBLIA, 1 Reis, 18:28) a fim de obter a atenção do seu deus. Também há referências bíblicas que apontam tais práticas dos “gentios” como sendo abominável ao Deus Cristão no livro de 2 Reis dizendo que Acaz, “(...) queimou seu filho como sacrifício, segundo as abominações dos gentios (...)” (BÍBLIA, 2 Reis, 16:2) e Manassés também “queimou seu filho como sacrifício” (BÍBLIA, 2 Reis, 21:6) ambos reis de Israel e por conseguinte o povo de Israel que “Também queimaram seus filhos e suas filhas como sacrifício (...)”(BÍBLIA, 2 Reis, 17:17).

Todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio sagrado. O objeto é religiosamente transformado (consagrado). O homem precisa deste objeto consagrado, pois não está em contato imediato com a divindade. Então, este objeto se transforma em intermediário entre o mundo sagrado e o mundo profano. (RIGONI, 2008, p. 89)

O corpo como “receptáculo” da vida era a expressão máxima de oferta às divindades para aquisição de perdão ou redenção de um povo ou de si mesmo, “o sacrifício como a forma que o homem criou para se redimir com seu deus. É como se fosse uma espécie de prestação de contas, na qual, normalmente é o corpo que deve se sacrificar para pagar a dívida” (Ibidem, p. 89)⁹, não obstante, o corpo tinha seu valor não somente em questões ritualísticas mas também nas práticas de orgias dentre outras prática imorais tidas como lícitas para culturas pagãs, pontuados nos textos bíblicos como práticas a serem evitadas pelo povo de Israel, o Deus Cristão ordena: “Não fareis segundo as obras do Egito em que habitastes, e nem fareis segundo as obras da terra de Canaã para qual eu vos levo e nem andareis em seus estatutos” (BÍBLIA, Levítico, 18:3). No mesmo capítulo é descrito uma série de ordenanças quanto aos casamentos ilícitos e uniões abomináveis, todos ligados ao uso do corpo nas práticas de relações sexuais ilícitas.

Na visão cristã, em paralelo com a importância do corpo/vida no paganismo, há similaridades em alguns aspectos voltados ao agrado de Deus pelo fazer com/no corpo, por exemplo, no livro de Gálatas 5:19-21 o apóstolo Paulo caracteriza as

⁹ Na resenha de Ana Caroline Cappelini Rigoni “OS USOS DO CORPO: DOS SACRIFÍCIOS “PRIMITIVOS” ÀS RELIGIÕES “ATUAIS” a autora descreve os diferentes tipos de sacrifícios oferecidos aos deuses, no entanto, tomei apenas o uso do corpo para os sacrifícios como parte relevante para construção do trabalho.

práticas daqueles que não herdarão o Reino de Deus¹⁰ sob a dicotomia entre “carne e espírito”:

Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas (...) não herdarão o Reino de Deus os que tais coisas praticam.

O cristianismo propriamente dito, estabeleceu-se após a morte e ressurreição de Cristo (30 d.C.) separando-se do Judaísmo, é importante analisar esse período cronológico do início do cristianismo¹¹ para entendermos como os valores sobre o corpo chegaram até o contexto atual da era pós-moderna e como ainda os mantém ancorados numa limitação do uso de si e de como os indivíduos “servem-se de seus corpos” (DAOLIO; RIGONI E ROBLE, 2012, p. 183). Na literatura bíblica há várias referências ao corpo e seus sentidos na aplicação do termo, ora corpo físico, ora espiritual e também no emprego da linguagem metafórica que faz alusão a outros sentidos da vida prática, como por exemplo “a unidade orgânica da igreja” em 1 Coríntios 12, que pontua acerca dos dons espirituais e sua importância no exercício de fazê-los dentro do corpo da eclesiástico, que é comparado com o corpo biológico dividido pelos membros (mãos, pés, ouvido, olhos, boca, etc.) com funções diferentes, portanto, importantes em suas especificidades.

Já em 1 Pedro 2:9, o apóstolo afirma que os cristãos são “(...) povo de propriedade exclusiva de Deus”, tal afirmação poderia corroborar de que o corpo nada mais é do que algo resignado a objeto? O corpo sacrificado, a vida e a alma é propriedade do divino e ninguém mais? A ideia de santidade e profanidade é atrelada ao usufruto do corpo, por fim, as implicações no melhor e pior proceder sobre essa propriedade do divino pode levar à morte ou vida eternas descrita nas passagens bíblicas acima, e é complementada por Rodrigues (2013, p. 09) de que “O ser sagrado ou profano não está diretamente ligado a essência de algo em si. O corpo pode ser considerado ou não como algo sagrado ou mesmo profano, dependendo do simbolismo que lhe é atribuído”, que no contexto cristão é o de uma propriedade do Criador.

¹⁰ O Reino de Deus é tido como uma recompensa para aqueles que fazem à vontade DEle, similar a noção do agrado dos deuses pagãos que lhe conferiam redenção ou punição caso não houvesse obediência ou gratidão a eles.

¹¹ Cristianismo surgiu após a morte de Jesus sendo estabelecida como organização representativa de seus ensinamentos a Igreja Primitiva, o Judaísmo e o Cristianismo compartilhavam de valores comuns, no entanto pouco diferentes como a aceitação de Jesus Cristo como O Messias e algumas práticas ritualísticas de culto à Deus (SHELLEY, 2004, p. 16-17)

Mesmo que aplicação do termo de propriedade se refira a “bens materiais sobre os quais se exerce direito ou como direito de gozar, usar ou dispor de alguma coisa” (LUFT, 2000, p. 543), O Deus cristão deixa claro que as suas criaturas possuem o livre-arbítrio para decidirem o que fazer e quando fazer e sobre quem fazer com seu corpo/vida, no livro de 1 Coríntios 10:23, o apóstolo Paulo diz que “tudo é permitido, mas nem tudo convém (...) e nem tudo edifica” e em Deuteronômio 30:19 que o Próprio Deus fala:“(...) Te propus a vida e a morte, a bênção e maldição; escolhe pois a vida (...)”. Dito isso, a liberdade no fazer expressado pelo Deus Cristão nos permite afirmar que qualquer força de controle coercitivo sobre comportamentos de seus submissos vai em contrapartida à liberdade que Ele mesmo concedeu; é de suma importância nos atentarmos a essa afirmação para entendermos o poder do discurso na manutenção do controle de certa forma sobre os fiéis e das interferências na cultura corporal.

Como canal dialético, o corpo não é somente posse de domínio dos saberes, mas um elo de ligação entre o que transcende a matéria para o novo e desconhecido ou além daquilo que pode ser mensurável, advindas de conhecimento racional, Martins (2003, p. 02) afirma que “a fé num corpo transcendente, que se associa à emoção ao contemplar o sagrado, com a razão que a matéria corporal requer para ser compreendida” se dá no corpo, e que a fé e a razão se interligam por ele; e continua a discorrer sobre o corpo historicizado na visão de Foucault com uma análise ontológica sobre fé, corpo e razão sendo eles complementares na construção do indivíduo total sem fraturas e medidas.

As áreas do conhecimento científico o fragmentam e o determinam na justificativa de tentar ampliá-lo mas acabam o diminuindo; ele afirma que “não se deveria, portanto, ter certezas imutáveis ao se abordar o assunto corpo, pois este carrega consigo uma possibilidade de incertezas” (Ibidem) e adiciona aos demais estudos sobre o corpo, de que fixar um conceito sobre ele o reduz da pluralidade de conhecimentos ainda não descobertos e dos que já existem e vão se reconstruindo ao longo do tempo, tornando possível à superação da cegueira unidimensional, ver outras perspectivas de um mesmo fenômeno sem limitá-lo ao determinismo conceitual (Ibidem, p. 13).

Na tese de Martins (2003) é dissertado sobre “O corpo e o Sagrado”, uma abordagem sobre a construção do poder eclesiástico sobre a corporeidade dos

indivíduos entre outros aspectos, como a autoafirmação da religião ser inerente aos sujeitos e a possibilidade ampliada do corpo nessa perspectiva sem contrastar com a EF de maneira dicotômica; ele pontua que é significativa a criação e resistência que o corpo exerce sobre os poderes que o “dominam”, levando em conta os períodos de dominação histórica no tratamento com ele e no constante “devir” sob a visão das “bios” propostas por Michael Foucault, o ressurgimento da influência religiosa de modo não predominante mas essencial do ser total é parte da cultura histórica; não somente a razão se tornou o centro de todo conhecimento útil mas as experiências individuais com sagrado reforçam o empirismo como uma busca ampliada de conhecimento do ser humano. “A leitura historicizada pode nos fazer ver como o corpo tem sido capturado por poderes e saberes, ao mesmo tempo em que nos mostra o mecanismo possível de criação de resistência contra tais poderes” (Ibidem, p. 5)

Tais poderes (da sociedade disciplinar, soberana, eclesiástica) sobre o corpo utilizavam mecanismos de dominação iguais e diferentes ao mesmo tempo, isso porque cada uma delas utilizavam dos mesmos mecanismos com mudanças mínimas em novos contextos; a disciplina é um exemplo de um desses mecanismos de dominação pois ele perpassa por todas as sociedades comprovando a eficácia no controle dos corpos até hoje. Nos atentamos à sociedade eclesiástica, importante para este trabalho em apresentar como se construiu o conceito de corpo na religião e como ele se dá com o conceito corpo nas escolas através da EF; Martins (2003, p. 9) diz que

A sociedade eclesiástica tende a controlar os corpos através do controle da consciência como meio de acesso a uma experiência religiosa. Há interferência direta, desta sociedade, na constituição do significado corporal, através de uma constante e abrangente preocupação disciplinar sobre o corpo, oculta, explícita e até mesmo desejada, nos ritos e mitos.

A coerção, outro mecanismo de dominação, foi (é) utilizada como método de imposição e submissão da maioria em prol da minoria elitista em cada período histórico, já discorreremos sobre essas medidas de poder sobre o corpo na história, veremos mais adiante o porquê de ainda haver relevância nos ditames sacrais no corpo de seus adeptos e por fim dos alunos nas aulas de EF. É preciso disciplinar o que se tem controle, tomando assim, parte da consciência e dos comportamentos para se chegar ao ideal imposto, “a disciplina dissocia o poder e induz, por um lado, o aumento da aptidão e da capacidade, mas, por outro lado, suga suas possibilidades e ordena sujeição” (Ibidem, p. 11), nisto vigora ainda hoje a sujeição

de todas as pessoas que vivem sob “as políticas”; elas se dividem nas esferas sociais pela dependência que os indivíduos possuem de viver (sobreviver) em sociedades, “há, então, através das instituições sociais, um conjunto de agenciamentos para disciplinar, para corrigir as operações do corpo que o transformam em um elemento analisável e manipulável. Este processo está impregnado com a noção de docilidade” (Ibidem, p. 06).

É na aparência dócil que as manifestações de poder sobre os corpos utilizam ainda hoje para se manterem em vigor; a sujeição espontânea do indivíduo atrelado a sua subjetividade, especificamente, desejos, vontades e sonhos tornam o mecanismo da coerção algo inviável para submissão e agenciamento dos corpos a longo prazo,

A dominação não é mais imposta, como anteriormente, mas é proposta de forma que não desperte rejeição. Como a dominação não apresenta aparência disciplinar, nem é imposta, consegue ser pólo de captura pelo caráter ambicionai que a constitui. A peça fundamental deste novo projeto de captura passa a ser o desejo.(Ibidem, p. 16)

É tão forte e tão próprio do homem “o desejo”, que ele passa a ocupar o posto mais elevado da subjetividade do indivíduo outrora ocupado pelo medo, nele se trabalha todas as emoções e ações que o corpo se propõem a fazer, nisso consiste a noção de docilidade, Martins (2003, p. 17) declara que “o desejo alcança, no ser humano, uma dimensão tão profunda, que consegue intervir nos sonhos, no sensível, no fisiológico, no social, tocando, assim, o corpo todo”; não implica dizer que o corpo é condicionado apenas ao desejo (pois o medo ainda intervém nas ações do indivíduo) mas para o novo contexto social ele é o que mais predomina sobre os demais sentimentos, “o desejo cria, no ser humano, um modelo a ser alcançado, uma apropriação adquirida por um preço. O desejo, neste caso, não é uma simples vontade, mas é uma consequência da forma de controle pelo poder” (Ibidem, p. 20), desse modo, “a sociedade dispõe de dispositivos de controle (consumo, instituições religiosas, instituições de educação, entre outras) sobre o corpo, particularmente através da criação do desejo” (Ibidem, p. 51).

A busca pelo sagrado que perdera seu predomínio para a razão no período moderno, agora se vê a dividir o espaço com a razão no intrínseco do ser, na mente, no espírito e por fim, no corpo; ambas possuem ambivalência de atuação onde cada uma expõe sua melhor eficácia a fim de ganhar maior credibilidade dos sujeitos; de modo específico, as religiões cristãs-evangélicas (católica e protestante) tem “nos detalhes da disciplina, na distribuição dos indivíduos no espaço, na

estrutura do local, nas localizações funcionais, na decomposição do processo, nas especializações, no tempo, (...) o poder” (Ibidem, p. 13), a religião enquanto instituição social não apaga sua interferência no controle dos corpos, a busca pelo que se deseja, coloca o argumento da salvação e perdição, sagrado e profano, fazer e não fazer, instrumentos do discurso dogmático como algo inapto e inviável para o novo social, precisando modificar-se em suas abordagens caso quisesse capturar sua importância sobre o corpo novamente, o autor assevera:

Há, hoje, na educação, na política, no lazer, na literatura, na música, no vestir, uma constante venda do signo 'sagrado'. Não é mais uma imposição, não é apropriação indevida, não é mais uma relação inquisitória, mas o corpo se tomou um ser desejante, vai em busca do objeto. Este é um dos dispositivos desta sociedade: criar o desejo e assim capturar o corpo. (Ibidem, p. 16)

A influência dessa instituição que agora é compartilhada pelas demais, também se viu a adequar-se ao que o corpo aprendeu e assimilou em outros espaços que o racionalismo atestara como expansão das possibilidades do sujeito no contaste *devir*. A articulação de dominação dos corpos se encontra na ação dos saberes das instituições, na sua eficácia de condução dos comportamentos (SANETO E ANJOS, 2007) com isso “o papel da religião (...) foi se acomodando as novas demandas corporais ao longo tempo, não deixando de exercer poder sobre os corpos, mas modificando, ressignificando a forma de agenciá-los” (RIGONI, 2013^a, p. 04).

Essas mudanças que os corpos sofrem ao se mimetizarem pelos tempos, políticas, instituições e desejos, não abandonam completamente suas formas passadas de se comportarem, há apenas adequação e adaptação ao que é novo, Rigoni e Daolio (2017, p.151) afirmaram:

Em relação às práticas corporais, tanto as instituições religiosas se adaptam à nova demanda de ofertas para o corpo como o próprio indivíduo religioso busca realizar uma espécie de compatibilização entre as ofertas religiosas e as outras tantas que compõem a vida cotidiana na contemporaneidade.

No entanto, a religiosidade não perde sua afirmação nos sujeitos porque já tem parte na subjetividade do corpo total, na carência pela espiritualidade de se relacionar com o Infinito, que transcende a matéria corporal e existencial que o racionalismo científico não consegue suprir,” a instituição religiosa sempre soube moldar-se ao modelo de poder político e isto não é perdido no século XXI, por isso denominamos a sociedade eclesiástica como um foco de poder que atravessa a história” (MARTINS, 2003, p. 36), ele continua:

Mas, além do exterior e do interior, o corpo também pode ser capturado pelo transcendente: a espiritualidade, concebida como uma característica e até mesmo como uma necessidade do humano, pode ser porta de entrada de desejos manipulados, de dominação e de controle. O corpo, em todo o seu sentido complexo, está sujeito a um controle desejado. (Ibidem)

Esta afirmação, tornou-se agora parte de uma máxima, no que diz respeito aos modos de comportamentos expressados sob uma ótica social, portanto, a religião se torna legítima como uma manifestação das possibilidades de ser, ter e fazer com o corpo tornando a chamar os sujeitos a terem experiências únicas da espiritualidade e de seus valores que somente ela pode proporcionar pois está num plano de realizações que ultrapassa o imediatismo presente, o mesmo autor clarifica:

Quando a humanidade assiste ao processo de hiper valorização do racional, desarticulando os outros componentes do ser humano, quando o movimento em direção ao racional parece estar mais forte, quando a tecnologia e a informação estão dando quase todas as respostas ao ser humano, ele se descobre vendo que a razão não é suficiente para dar conta da existência, de suas questões sobre sentido, sobre prazer, sobre amar, assim, o sagrado parece renascer como componente do humano num contexto de re-descoberta da complexidade humana. (Ibidem, p. 23)

A volta dos sujeitos para aquilo que outrora oprimia a consciência, remonta a afirmação da necessidade da religião sem a capa de instituição social, mas o meio de nos conectar ao imaterial, ao sagrado, ao divino, ao transcendente, ao infinito e à perfeição. Martins (2003, p. 34) explana que:

Religião apresenta tanto o sentido de uma religação (religare) com o eterno e infinito, estabelecendo possibilidade de transcendência, como o sentido de uma releitura (relegere) da vida, que permita um renascimento constante e que, portanto, seja considerada além dos aspectos dogmáticos, sectários, impondo limites, proibições e obrigações. Por outro lado, a relação com o sagrado não passa necessariamente pela instituição religiosa, pois este é um espaço construído muito mais sobre os limites do que sobre sua superação.

Do lado disso, esse modo de ver o mundo, contribui para a aquisição de experiências nas variadas formas de ser, ter e fazer com o corpo, podendo desse modo fazer parte também da cultura corporal, já que esta cultura se apresenta como indivisível e rica de sensações e experiências baseados no empirismo individual e coletivo; de conhecimento adquirido pelos modos de ser, estar e viver no mundo, numa totalidade que chega a transcender o que é mensurável pelo corpo, ela não é limitada ao tempo e nem determinada por um conceito que pode diminuí-la, dela não se exclui e não se estagna o conhecimento que já a constitui, apenas se adquire mais riqueza na composição do que ela pode se tornar, tendo o corpo por ferramenta de expansão do potencial criativo, que não é efêmero mas está no constante *devir*, “o corpo vive um presente que constrói o futuro, mas sem a pretensão da conclusão” (Ibidem, p. 49).

Pensando no poder que a instituição religiosa exerce, esta tanto pode dar condições para que o ser humano possa sonhar, criar e exercer a sua existência, através da fé, a realizar a sua complexidade, como também pode ocupar o pólo oposto e ser uma zona de captura e apropriação. (Ibidem, p. 21)

Ela traz consigo a possibilidade de oferecer ao homem a ação de criar, de transcender, de resistir, o lugar do devir, a possibilidade de viver toda a corporeidade numa vida em abundância, através da religião e, por outro lado, pode exercer o seu inverso e aprisionar, submeter, criar desejos para poder exercer um controle mais efetivo, usando para isso mecanismos de um suposto religamento, roubando-lhe a liberdade e oprimindo o ser humano. Esta aparente contradição é a realidade da instituição religiosa, que evidencia-se tanto como resistência como captura. (Ibidem, p. 39)

Se ela nos leva para perto do infinito e possibilita transcender a matéria como um caminho da experiência sensorial, por que ela conflita com os demais saberes? Ainda é sobre a pretensão do controle das pessoas? Martins (2003, p. 43) assinala que “o corpo território do sagrado não é um corpo demarcado, cercado, fechado, mas é espaço infinito e tempo eterno”, os conceitos deterministas que ditam o significado de corpo em seus conteúdos disciplinadores o cerca em seus campos de atuação sem toma-lo como abastado de significados e de cultura própria que independe das diferenças, pois o corpo humano é o elo de ligação entre a existência do ser pensante e as formas de manifesta-la através da noção de si, do outro, do tempo, dos sentimentos, dos espaços, do mundo e além dele.

A religião é tomada como um caminho alternativo para o suprimento na falta emoções e sensações que levam paz interior ou superação de um momento difícil ora efêmero, outrora permanente. O autor declara:

A necessidade criada, ou alimentada, de um relacionamento com o sagrado pode surgir a partir da constatação de ausência, da falta, como num momento de crise. O caminhar em direção ao sagrado ilumina um trajeto em direção a uma superação de uma determinada condição. (Ibidem, p. 77)

Superar o vazio que permeia a essência dos indivíduos, os levam a cultuarem algo superior a eles mesmos que não compreendem, tornam palpável a construção simbólica do divino (sagrado) pela matéria (imagens, esculturas, pessoas, lugares e animais santos, etc.) a fim de se sentirem mais próximos da santidade, nisso, não há como o cientificismo metodológico explicar e preencher o espaço subjetivo da religião,” é pela conexão com o sagrado seja ele qual for, que a esperança de superação das angústias herdadas dos últimos séculos preponderantemente racionalistas e mecanicistas se faz real” (Ibidem, p. 38), com isso, perpassado por toda a trajetória de coerção sobre si (perseguição aos cristãos do Império Romano), depois de dominação político-social (Idade Média) e suplantada pelo racionalismo no Renascimento e atualmente como uma instituição

de controle, podemos observar como os sujeitos não abandonam e esquecem os instrumentos de dominação sobre seus corpos, pois, depois de aprendido, o conhecimento é utilizado quando necessário ou conveniente à necessidade efêmera do ser humano, culminando no corpo.

Se a opção por fazer uso da relação com o sagrado pode nos fazer exercer a existência de forma mais completa, minorando as diferenças, as exclusões, os preconceitos, as rejeições e as guerras e se substituir tais atos por compaixão, amor, proximidade, respeito fará de nós seres mais completos, por que ousaríamos recusar esta possibilidade? (Ibidem, p. 87)

A noção de corporeidade defendida pelo autor é que até mesmo o que pode entrar no embate com a EF enquanto disciplina escolar, pode se aglutinar às possibilidades indefinidas que o corpo pode encontrar construindo novos caminhos; a noção de corporeidade canalizada pela EF deveria abranger de maneira interdisciplinar, além das variações de seu saber institucionalizado, as perspectivas que tem em seus discursos sobre a cultura corporal de movimento, a prisão do corpo e nele mesmo, a disciplina pode facultar o próprio serviço em seu potencial máximo, analisando, estudando e adequando as diversidades dos saberes distintos, se consolidando portanto, como a disciplina multifacetada, não apenas no teórico-prático escolar, mas como parte da vivência para fora dos seus espaços comuns de atuação, podendo tornar igual o que é tido como diferente num processo de inclusão.

5. A EDUCAÇÃO FÍSICA, O CORPO E A ESCOLA

A EF é uma disciplina pedagógica que acompanha os processos de desenvolvimento do ser humano integral nos quesitos mente, corpo e “espírito” de forma indivisível e preza pelo crescimento harmônico entre tudo que compõe o sujeito, trabalhando as partes e ao mesmo tempo o todo. De modo específico, seu reconhecimento mais evidente no contexto social presente, ainda a limita ao conceito físico-biológico, o jogo, a dança, a luta e a ginástica, são unidades temáticas que são confundidas como manifestações corporais apenas de proveito físico, com finalidades muitas vezes voltadas para aparência e performance, excluindo toda cultura que corpo total carrega consigo.

Desse modo, essa área do conhecimento humano ainda é tomada por essa redução conceitual pelo senso comum, onde muitas pessoas a compreendem como uma prática de lazer onde o prazer e a fuga do ócio são tomadas como as ferramentas mais importantes de uma aula pedagógica, e isso foi perpassado desde a sua origem como ferramenta disciplinadora militar e de assepsia até seu caráter crítico-pedagógico que ainda não tem nos olhares sociais contemporâneos a visão de sua real importância na integração dos sujeitos com o mundo, numa dimensão maior que apenas físico-biológico.

No contexto de atenção ao corpo, todo conhecimento sobre ele é parte da soma que lhe exalta como importante, aliás, ser de si ou do ser divino lhe remete um valor maior do que os conceitos que tentam defini-lo, não é somente um canal, um meio, uma morada ou uma máquina, é parte da essência do ser que se define humano. Suas capacidades, composições e ações, são meios de estudo e análise nos sistemas de ensino/educacionais e desdobramentos dos conhecimentos para dentro e fora das escolas.

Apesar da educação física ser específica de uma área do conhecimento científico (ciências da saúde), é no senso comum (conhecimento empírico) que está a maior e mais rasa definição quanto ao seu papel sobre o sujeito integral ou ser total, a noção de educação física para o físico é a primeira quebra de conceito para um aluno de graduação da área que via no esporte, na luta e na dança os pilares centrais de estudo desse saber. Veremos como a EF foi estabelecida como uma

área de conhecimento específica e obrigatória nas escolas indo além do físico-biológico.

5.1. A história da educação física no Brasil e os aspectos legais de sua atuação

Passando pelas primeiras manifestações corporais no Brasil desde o período colonial (Brasil Colônia), “as atividades indígenas de subsistência marcaram a presença na construção daquilo viria a se tornar educação física, atividades primitivas como pesca, caça, ritualística, danças, nado, locomoção, guerras e encenações” (SOARES, 2012, p. 01) que com o passar do tempo foram alocadas como partes de seus conteúdos pedagógicos e não como definição de conceito, como vemos atualmente. No período do Brasil Império (1822-1889) “Joaquim Antônio Serpa, elaborou Em 1823, o “Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos”. Esse tratado postulava que a educação englobava a saúde do corpo e a cultura do espírito” (Ibidem).

Outro acontecimento importante ocorreu, com a Reforma Couto Ferraz em 1851 que tornara a ginástica como a primeira impressão que a EF se manifestaria, mas foi em 1882 que Rui Barbosa lançou o parecer sobre a “Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior, alegando que países desenvolvidos politicamente defendiam a ginástica como parte integrante da construção de bons jovens nas questões morais, intelectuais e físicas” (SOARES, 2012, p. 2) e que o Brasil também poderia seguir esses modelos nas questões políticas de educação, já que boa parte da influência brasileira vinha de fora, dos países desenvolvidos como ainda hoje.

Já a EF do século XX (Brasil República) até 1930, tinha por seu principal objetivo melhorar a condição de vida da população em geral, via-se muitos médicos assumindo uma função mais higienista e “buscaram modificar os hábitos de saúde e higiene civil, ela então, favorecia a educação do corpo, tendo como meta a constituição de um físico saudável e equilibrado organicamente, menos suscetível às doenças” (LIMA, 2015, p. 247), devido a isso, seu primeiro conceito lhe configurou um caráter de utilidade pública onde as pessoas deveriam cuidar de seus corpos a fim de evitar quadros epidemiológicos em grande escala e em pouco tempo. Com o propósito de sistematizar a ginástica dentro das escolas do país, surgem os métodos

de fazer a ginástica (gímnicos) advindas das escolas sueca, alemã e francesa, que conferiam à Educação Física uma perspectiva eugênica, higienista e militarista (Op. cit., 2012, p. 02).

Mesmo com os conceitos rítmicos advindas das escolas europeias, nesse mesmo século, a Educação Física, ainda era conceituada sob a ginástica e seus métodos (Op. cit., p. 248) mas com o propósito da manutenção da higiene física e moral, e que o conceito de um corpo saudável poderia avançar para além da ideia de prevenção de doenças, mas também como um corpo forte para o trabalho e para nação.

Advindas da influência das instituições militares que compactuava da filosofia positivista, ao pregar a educação do físico e por meio disso conseguir os ideais da ordem e o progresso, era de fundamental importância formar indivíduos fortes e saudáveis, que defendessem a pátria e seus ideais (LIMA, 2015, p. 248), “o higienismo e o militarismo estavam orientados em princípios anátomo-fisiológicos, buscando a criação de um homem obediente, submisso e acrítico à realidade brasileira”(SOARES, 2012, p. 3). Sobre a EF e suas influencias Lima (2015, p. 247) pontua:

No século XX, a Educação Física esteve estreitamente vinculada às instituições militares e à classe médica. Esses vínculos foram determinantes, tanto no que diz respeito à concepção da disciplina e suas finalidades quanto ao seu campo de atuação e à forma de ser ensinada.

Desses primeiros conceitos, o higiênico foi o mais duradouro, “pois instituições militares, religiosas, educadores da ‘escola nova’ e Estado compartilhavam de muitos de seus pressupostos”(Ibidem, p. 249) e por meio dele se poderia ter um corpo preparado para a defesa da nação e para o cumprimento com os deveres da economia, Ferreira e Sampaio (2014, p. 3) cita que “havia a necessidade de preparar futuros jovens para possíveis envios de tropas à guerra, assim o governo brasileiro encara a EF como um meio de treinamento para os alunos” (1930-1945) através de exercícios calistênicos que eram marcantes na ginástica, e isso foi outorgado na constituição 1937 do Estado Novo que “fez a primeira referência explícita à EF em textos constitucionais federais, incluindo-a no currículo como prática educativa obrigatória, junto com o ensino cívico e os trabalhos manuais, em todas as escolas brasileiras (LIMA, 2015, p. 249).

Getúlio Vargas institui o Estado Novo e a Constituição outorgada é a primeira a fazer menção à Educação Física. Assim, após a 2ª Guerra Mundial e a queda de Getúlio Vargas, o povo abandonou os desfiles escolares, as paradas, as demonstrações de ginástica, a disciplina, pois

estava cansado do regime opressor que os assolava. Anos depois, a Educação Física escolar passou a ser praticada por milhares de estudantes, somente então teve seu desligamento direto dos militares e da política, presente até então. Contudo, ainda hoje encontramos resquícios desses elementos na condução da Educação Física na escola. Por conseguinte, diversos estados realizaram reformas de seus sistemas de ensino, precursoras das grandes reformas nacionais que ocorreram a partir de 1930. Em várias dessas reformas a Educação Física foi incluída nos currículos escolares. (BARBOSA;MOREIRA, 2012, p. 16)

Em 1945-1964, de acordo com Ferreira e Sampaio (2014), os conceitos dessas tendências anteriores, agora são discutidos com os alunos abandonando as posturas paciente-médico e recruta-sargento para a relação aluno-professor¹² onde os processos de ensino-aprendizagem ganham mais força na opinião crítica do aluno quanto a higiene e força de seu próprio corpo, Ferreira e Sampaio (2014, p. 4) assinala:

Pela primeira vez a saúde passa a ser discutida de forma teórica e assuntos como primeiros socorros, higiene, prevenção de doenças e alimentação saudável são incorporados às aulas de Educação Física. Entretanto, no período ainda não se notava uma preocupação com a saúde coletiva, e sim individual.

Já em 1964, Lima (2015, p. 249) o tecnicismo como característica marcante dessa época ao afirmar que:

A educação, de modo geral, sofreu as influências da tendência tecnicista. O ensino era visto como uma maneira para formar mão-de-obra qualificada. Era a época da difusão dos cursos técnicos profissionalizantes. Nesse quadro, com a Lei n. 5.540 (BRASIL, 1968), e com a publicação da Lei n. 5.692 (BRASIL, 1971), a Educação Física teve seu caráter instrumental reforçado: era considerada uma atividade prática, voltada para o desempenho técnico e físico do aluno.

Nessa época, o Brasil retornara politicamente a prisão de uma ditadura (militar), o governo via no esporte, uma ferramenta na EF que poderia servir de base ideológica para manutenção do poder, fortalece-se a ideia do esportivismo, no qual o rendimento, a vitória, transpareciam a imagem de um país próspero e em desenvolvimento, eliminando assim críticas internas, a educação física seria o aparelho de busca dos jovens mais hábeis e fortes, dispostos a terem maior êxito em competições esportivas de alto nível.

Desta forma, “o esporte era utilizado como um elemento de distração à realidade política da época” (SOARES, 2012, p. 3), educando o corpo para uma utilidade política específica, de pensamento concomitante, Saneto e Anjos (2007, p. 3) afirma que isso é possível pois “o corpo é útil quando se apresenta produtivo e

¹² Termos apresentados por FERREIRA E SAMPAIO, 2014, p. 3 que não estão na mesma ordem de citação.

submisso, inteligível e apto a ser manipulável, não fugindo à conotação de domesticação”, a prática da EF era limitada pela visão ideológica e a desprovia de conhecimento tornando-a uma atividade a ser realizada simplesmente por fazer.

Tomando anteriormente de seu caráter político-ideológico das primeiras tendências já citadas (higienístico, militarista) que deram início a sua implementação como disciplina escolar, seguimos com as novas tendências que ela tomou ao longo de sua história e seus diferentes métodos de educar o corpo, são elas:

- Pedagógico (1945 – 1964) que surgiu após a segunda guerra mundial e sofre influência do liberalismo americano recorrendo aos jogos e brincadeiras, ginásticas, lutas e esportes; a EF se torna centro vivo da escola pois responde a preparação de alunos para festas, torneios, desfiles, formação de bandas musicais, entre outras. O aluno passa a ser mais participante das aulas e os pedagogos ministravam aulas ainda com resquícios dos conteúdos higiênico e militar só que numa perspectiva onde o aluno pudesse dialogar e discutir com o professor e os demais.
- Esportivista ou competitivista (1964 – 1985) como já apresentado anteriormente, apresentou-se num contexto da ditadura militar, Ferreira e Sampaio (2014, p. 5) declara que:

Nesse mesmo período, o Brasil consegue vários resultados expressivos no esporte como o tricampeonato da seleção brasileira de futebol, no México em 1970. O povo comemorava nas ruas as vitórias brasileiras. O governo patrocinava as festas e desta forma percebeu que a população adorava esportes e que, com a atenção direcionada às disputas, afastava-se das discussões políticas.

Desse modo, a EF que buscava o meio educativo para ensinar, regride ao biologicismo tomando como parte importante de sua atuação preparar os alunos para o aprimoramento das habilidades esportivas.

- Popular (1985 – atualidade) A EF pautada na tendência Popular tem como característica importante “os anseios operários de ascensão na sociedade. Conceitos como inclusão, participação, cooperação, afetividade, lazer e qualidade de vida passam a vigorar nos debates da disciplina”(FERREIRA E SAMPAIO, 2014, p. 6) o biologicismo entra em declínio quando se assume que não é somente a prática de esportes que previne doenças apesar dela ser uma produtora de saúde. Lima (2015, p. 251) declara que a partir da década de 80 é que a EF passou a discutir no campo social e político comportando-se como parte integrante do corpo

social com seu corpo físico atuante e que articula múltiplas dimensões do ser humano, ele declara:

Na década de 80 (...) as relações entre Educação Física e sociedade passaram a ser discutidas sob a influência das teorias críticas da educação: questionou-se seu papel e sua dimensão política. Ocorreu, então, uma mudança de enfoque, tanto no que dizia respeito à natureza da área quanto no que se referia aos seus objetivos, conteúdos e pressupostos pedagógicos de ensino e aprendizagem. No primeiro aspecto, ampliou-se a visão de uma área biológica, reavaliaram-se e enfatizaram-se as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas, concebendo o aluno como ser humano integral. (LIMA, 2015, p. 251)

Em síntese, para melhor entendimento cronológico das tendências da EF o quadro a seguir resume a ordem dos caracteres que ela possui desde final do século 18 até os dias atuais:

QUADRO 1- Tendências da Educação Física

Tendências	Anos	Objetivos
Higienista	Até 1930	Promoção da saúde, eugenia, assepsia social; visão biologicista no trato com a saúde.
Militarista	1930-1945	Construir futuros soldados, fortes e doutrinados, capazes de representar a pátria em combates; a eugenia ainda se fazia presente.
Pedagogicista	1945-1964	Início de discussões teóricas sobre o a saúde do corpo forte e saudável, levada a um pensamento mais pessoal como a alimentação saudável e higiene pessoal; Relação professor-aluno; substituição dos métodos mecânicos das práticas.
Competitiva / Esportivista	1964-1985	Os alunos deveriam mostrar através da performance e saúde a imagem de um país com uma política forte; Desenvolvimento da fisiologia e do treinamento esportivo; Mais aulas práticas; Retorno à Visão biologicista, mas individualista da saúde.

Popular	1985- Dias Atuais	Discussões teóricas predominantes sobre sedentarismo, as doenças sexualmente transmissíveis e o combate às drogas; conclusão de que as práticas de exercícios físicos somente, não previnem doenças; Lazer como parte da prática.
---------	-------------------	---

FONTE: FERREIRA E SAMPAIO, 2014, pgs. 2-6

No cenário escolar atual, o professor que encontra um corpo educado religiosamente com valores similares a EF, ainda que reconheçam e respeitem suas decisões, veem nos modos de gerir o corpo, uma limitação de ação voltada em sua maioria para algo/alguém maior que o próprio ser integral, o divino, o santo e salvação, a fé, as crenças e convicções que conduzem o estilo de vida de seus fiéis, sua subjetividade e tudo que o compõe. No Brasil, atualmente a EF é amparada pela lei 9394/96 onde é requerido a obrigatoriedade da educação física dentro das escolas tanto públicas quanto privadas, confessionais ou não; O artigo 26, § 3º diz que “a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica (...)” e seu sistema de ensino deve ser de comum engajamento para todos os cidadãos sob esse sistema educacional, o Art. 26. Pontua:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

Em conformidade com a lei, a EF para o ensino médio é mais enfática ao explicar no Art. 35, § 2º que “A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente *estudos e práticas* de educação física, arte, sociologia e filosofia”. Perante esses termos da lei, a implementação das aulas nas escolas é um direito, ensinar e aprender é amparado por lei, então onde se ampara a abstenção ou autoexclusão dos alunos e seus corpos durante as aulas de EF que podem ter seus princípios espirituais feridos?

A mesma constituição também assegura o direito da crença e do respeito as diferenças de credo aos estudantes de diversas procedências religiosas, e são nelas que se amparam todos que se sentem vulneráveis frente aos ditames pedagógicos

da escola por meio dessa disciplina. A lei 13.796, outorgada em 3 Janeiro de 2019, cita:

Art. 7º-A Ao aluno regularmente matriculado em instituição de ensino pública ou privada, de qualquer nível, é assegurado, no exercício da liberdade de consciência e de crença, o direito de, mediante prévio e motivado requerimento, ausentar-se de prova ou de aula marcada para dia em que, segundo os preceitos de sua religião, seja vedado o exercício de tais atividades, devendo-se lhe atribuir, a critério da instituição e sem custos para o aluno (...)

Mesmo com a autorização governamental do direito de abstenção das aulas por motivos religiosos, o papel da escola e professor não são alterados e o tratamento pedagógico não é restrito a privilégios para esses alunos muito menos diminuídos, na mesma lei, o governo sugere medidas como alternativas viáveis para a participação desses alunos promovendo a inclusão e respeitando as diferenças. A lei 13.796, continua:

(...) Uma das seguintes prestações alternativas, nos termos do inciso VIII do **caput** do art. 5º da Constituição Federal:

I - prova ou aula de reposição, conforme o caso, a ser realizada em data alternativa, no turno de estudo do aluno ou em outro horário agendado com sua anuência expressa;

II - trabalho escrito ou outra modalidade de atividade de pesquisa, com tema, objetivo e data de entrega definidos pela instituição de ensino.

§ 1º A prestação alternativa deverá observar os parâmetros curriculares e o plano de aula do dia da ausência do aluno.

§ 2º O cumprimento das formas de prestação alternativa de que trata este artigo substituirá a obrigação original para todos os efeitos, inclusive regularização do registro de frequência.

§ 3º As instituições de ensino implementarão progressivamente, no prazo de 2 (dois) anos, as providências e adaptações necessárias à adequação de seu funcionamento às medidas previstas neste artigo (...)

Encontramos também na LEI Nº 8.069, um reforço sobre o respeito mútuo entre as relações de conhecimento distintas, que afirma:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência,

condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem.

E é reforçada no Art. 53º que pontua:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

Dessa forma, entende-se que é possível a escola e professor, serem os melhores mediadores do bem estar qualitativo de uma educação de excelência, não permitindo desgastes relacionais por meio do desrespeito, autoritarismo e exclusão do que é tido como diferente.

5.2. Os dilemas da educação física no contexto atual

Cada uma das vertentes que vestiram a EF com ideologias de utilidade para o poder, davam orientação no ensino dos alunos a fim de cumprir as exigências políticas de cada uma delas, Martins (2003, p. 73) afirma que “a EF foi construída historicamente como uma das formas de agenciamento para se adestrar, dominar e docilizar os corpos, não medindo esforços, ao permitir que as tecnologias de poder usassem o corpo como máquina para ser adestrada e controlada”, desse modo, já que cada conceito era suplantada por uma nova, a EF passa então, por uma crise epistemológica onde questionava-se de “qual seria sua própria ciência ? A que se destinava? Qual o seu verdadeiro papel?” E que graças a sua composição clássica, via-se perdida muitas vezes com determinismos populares de conceito tinham fins em seus antigos objetivos a que destinava, basta fazer hoje essas mesmas perguntas a um cidadão comum que as respostas mais óbvias são tomadas como válidas para defini-la com um ponto final, EF trabalha com esportes, jogos e brincadeiras, torneios, futebol ou queimado apenas.

Suas primeiras impressões de origem ainda perduram, mesmo que em aparências mínimas, confundido muitas vezes com seus métodos que a leva a tomar o corpo como parte mais importante de sua atuação e não como um meio ou canal onde se explora a diversidade de experiências motoras, afetivas e cognitivas. Lima (2015, p. 253) afirma que “o trabalho na área da Educação Física tem seus fundamentos nas concepções de corpo e movimento.

De outro modo, a natureza do trabalho desenvolvido nessa área tem íntima relação com a compreensão que se tem desses dois conceitos”, mas muitos só focam em um, por isso afirma-se que ela passa por uma construção social que ainda se encontra nos baldrames e que profissionais dessa área lutam para estabelecer os alicerces e por fim chegar ao teto, lhe conferindo com segurança e exatidão de que o seu objeto de estudo enquanto disciplina é a cultura corporal de movimento, sendo esse conhecimento a ampliação não apenas do biológico mas do corpo total e que todos são sujeitos dessa cultura.

Dito isso, o corpo para a EF ainda carece da atenção dos sujeitos em sua máxima, ainda hoje é possível ver as concepções defasadas na mente das massas em seus preconceitos de entendimento sobre o assunto, definições como *a hora da brincadeira; do jogar bola ou queimado; do professor rola bola; de uma disciplina que não reprova; dos exercícios por status ou beleza, etc.* são algumas noções pífias que abocanham boa parte de sua essência e desfiguram-lhe o valor do que ela propõe a ensinar/educar.

Martins (2003, p. 75) afirma que “o ser humano pode transcender os limites impostos por paredes, por dogmatismos, por absolutismos, por instituições de poder, por limites de tempo, por limites circunstanciais e se projetar para uma instância de infinitudes”. Ela tem por meio do corpo“(...) seu objeto de estudo e que deve constituir-se em um fator pedagógico que vise à libertação integral do homem e à recuperação de sua dignidade corporal, buscando a autonomia de movimentos corporais”(GONÇALVES E AZEVEDO, 2007, p. 213) por fim, a cultura corporal que não deveria se aprisionar a determinismos conceituais frágeis.

Segundo Lima (2015, p. 251) devemos considerar “as dimensões cultural, social, política e afetiva, presentes no corpo vivo, isto é, no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e como cidadãos “sendo isso o

esteio de sua essência no quesito educar além da matéria (carne), cumprindo assim o seu papel na formação de cidadãos críticos responsáveis de maneira integral.

Mas, por que o conceito biológico tão presente nessa disciplina não lhe é suficiente?

A fragilidade de recursos biológicos fez com que os seres humanos buscassem suprir as insuficiências com criações que tornassem os movimentos mais eficazes, seja por razões 'militares', relativas ao domínio e uso de espaço, seja por razões econômicas, que dizem respeito às tecnologias de caça, pesca e agricultura, seja por razões religiosas, que tangem aos rituais e festas ou por razões apenas lúdicas. Derivaram daí inúmeros conhecimentos e representações que se transformaram ao longo do tempo, tendo ressignificadas as suas intencionalidades e formas de expressão, e constituem o que se pode chamar de cultura corporal. (LIMA, 2015, p. 254)

No Brasil, na maioria das redes educacionais ainda se tem a convicção pelo corpo discente de que EF é uma disciplina que *não reprova*, e já que não reprova, ela pode apenas ser teorizada, analisada, respondida e concluída, bastando decorar conceitos, regras, técnicas e táticas apenas, desprezando o real sentido da vivência e de seus benefícios para o corpo integral.

O Fato de alguns alunos que escolherem se ausentar das aulas de EF simplesmente por não gostarem de algum conteúdo ou por questões religiosas e psicológicas, dentre outros argumentos, fragilizam sua real importância e que não são aplicadas nas demais disciplinas como argumentos válidos para ausência/abstenção e a não prática nas aulas, apesar de haver raríssimas exceções; basta não gostar da disciplina para não realizá-la ou se for para obtenção de nota, a disciplina deve se adequar ao aluno e não o inverso.

Não se deve negar as mudanças positivas que foram alcançadas dentro dos períodos históricos ainda presentes na EF, pois elas serviram para construção de sua identidade atual, não há espaços para o comodismo na construção e refino do saber, há sempre espaço para aprimorar a eficiência e eficácia do ensino e com isso a tornar se mais válida e de suma importância no contexto atual, hoje ela deve causar impacto no corpo integral de seus alunos de modo que eles aprendam não somente sobre cultura corporal ampliada ao estilo de vida, mas que isso é tão importante quanto ler, escrever e calcular, pois a EF tem em seu caráter a interdisciplinaridade que dialoga com todas as áreas do conhecimento humano abrindo espaços para novas possibilidades do ser se portar.

Pode-se reconhecer e não negar outros conhecimentos que desencadeiam novos gestos comportamentais como parte de incluída na cultura corporal, mas o

que é essa cultura? “O conceito de cultura é aqui entendido como produto da sociedade, da coletividade à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os” (LIMA, 2015, p. 254), ele continua ao afirmar:

O conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo: neles o indivíduo é formado desde o momento da sua concepção; nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os valores do grupo; por eles são mais tarde introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social as concebe. (Ibidem)

O homem é sujeito da história, cria cultura amparado no momento em que faz a história. Vale assinalar que, sendo a cultura produzida pelo homem, sua integral realização como ser humano inclui uma concepção ética, vinculada também a aspectos políticos e religiosos. (ROCHA, 2013, p. 23)

Daolio (1995, p. 27) também ressalta sobre a cultura e o papel dos discursos que lhe configuram sentidos e mais sentidos, mas que não passam de mais algumas descrições do corpo com fim no que ele poderia ser, mas limitados em suas definições:

O sentido de Cultura Corporal que utilizamos parte da definição ampla de Cultura e diz respeito ao conjunto de movimentos e hábitos corporais de um grupo específico. E nessa concepção que se pode afirmar que não existe um discurso puro do corpo. O corpo não fala sobre o corpo, será apenas mais um discurso sobre o corpo. Em uma dada época, num determinado contexto, um discurso prevalece sobre o outro. Em outros termos, não há corpo livre, mas discursos sobre corpo livre; não há corpo consciente, mas discursos sobre corpo consciente.

Nesse ponto, voltamos a concepção mais remota dos contatos do corpo, o consigo, com o outro e com o mundo, “a nossa existência corporal está imbuída num contexto, relacional e cultural, sendo este o canal pelo qual as nossas relações são construídas e vivenciadas” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 32), assim, podemos avaliar o aprendizado pelas experiências corporais que compõem a cultura corporal de movimento, que através disso criam uma identidade própria que se manifestam através das linguagens, delas se fazem as interações com os iguais e diferentes que nos permitem conhecer não somente o outro mas mais a nós mesmos.

Tudo isso podemos encontrar na EF que é abastada de conhecimentos, de vivências, de diversidades, de valores, como também carrega a característica ser uma disciplina de afeto, pois puxa dos sujeitos sentimentos que lhe são preciosos como a alegria em competir, em jogar, em incluir, em brincar, em conhecer e se divertir, sorrir e descobrir, e isso encontramos apenas numa única aula em sala ou quadra/campo ou simplesmente em um pequeno espaço sem a devida estrutura, a EF possui essas vantagens e diferenças das demais disciplinas não em uma posição

de vantagem, mas sendo tão importante e necessária quanto as demais, Lima (2015, p. 255) destaca:

A área de Educação Física hoje contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento. Entre eles, consideram-se fundamentais as atividades culturais de movimento com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde.

Integração é o papel subjetivo dessa disciplina que não deveria ter espaço para exclusão sob o argumento das diferenças sejam elas qual forem, mas por meio delas construir uma relação baseada no respeito e nas mudanças pessoais e interpessoais nas três áreas do desenvolvimento humano (afetivo, cognitivo, motor), mesmo que haja exigências na seleção dos “mais” desenvolvidos em competições esportivas como as de alto rendimento, o alvo, a meta e o objetivo pode se tornar parte da mudança pessoal de qualquer um que quiser e se dispôr a competir a curto, médio ou longo prazo.

Nessa condição, não há argumentos que justificam a exclusão por parte da EF em algum aspecto depreciativo no sujeito, todos sem exceção, podem competir, participar e por fim ganhar, basta querer e buscar não deixando com que os estereótipos sociais definam os mais dos menos hábeis, em qualquer atividade competitiva nas escolas e fora delas já que possibilita o sentimento de igualdade e cooperação, Gonçalves e Azevedo (2007, p. 216) demarca:

A Educação Física tem um papel primordial na busca por concepções que visem à emancipação corporal e sua re-significação, intermediados por um discurso crítico da realidade em que o indivíduo está inserido, não se portando como mera reprodutora, para que mudanças efetivas nos atuais paradigmas que norteiam o corpo possam ser concretizadas e, assim, combater os mecanismos de reprodução dos padrões estéticos referidos e conferir novas formas de interação entre o homem e seu corpo.

Tanto para o currículo nacional quanto para o estadual, a Educação Física é primeiramente caracterizada como área de conhecimento que aborda atividades corporais em condições culturais, sociais e biológicas. Por meio dessas três dimensões, a Educação Física não mais se restringe aos esportes e/ou às questões ligadas à saúde, mas também abrange a formação humana crítica e reflexiva. (SILVA, 2018, p. 49)

A liberdade em ser um corpo que se manifesta de forma condicionada ou natural é assegurada pela cultura corporal na aquisição novas vivências e movimentos com os que já carregamos em nós mesmos, a autonomia em incorporar o que se aprende de novo, se expressar através do próprio corpo manifestando a vontade própria, tudo isso culmina no prazer que essa disciplina confere aos que dela se beneficiam, a beleza expressa no conceito da estética perfeita, as diferenças

corporais exclusivas, o corpo fragmentado, apenas a saúde do corpo, são conceitos amplos que aprisionam uma disciplina que visa libertar.

Essa situação, dá-se pela ignorância das massas sociais, um ensino fraco da disciplina, negligência dos próprios profissionais da área ou comodismo conceitual ao que é mais popular como já foi citado; não se deve ter uma postura de segurança quanto a legitimidade dela nas escolas se não mostrarem de fato para o quê ela se faz tão necessária e busca ser ouvida ainda que a gritos de manifestos, pois no cenário político atual do país, os governos estão mais efêmeros com ideias e ideais diferentes que ameaçam a liberdade de expressão e de desenvolvimento humano em toda e qualquer área da vida, e que ela por ser um canal de linguagem expressiva, não está isenta¹³ dessas ameaças.

A partir disso, nos indagamos se a EF é essencial ou acessória no que diz respeito participar do currículo escolar da educação básica, é evidente de acordo com Bastos, Santos Junior e Ferreira (2017) em seu estudo “Reforma do Ensino Médio e a EF: um abismo para o futuro” a vulnerabilidade das disciplinas pensantes e expressivas diante de interesses nepotistas de grupos políticos, respectivamente filosofia e sociologia, artes e educação física, os autores evidenciam as propostas da reforma no ensino médio sugeridas nos anos de 2016-2019.

Os pontos negativos no retrocesso educacional, uma contrafação que abalaria as estruturas do pensamento crítico nas mentes dos alunos com idades mais próximas de adentrarem no mercado de trabalho, alimentando futuramente uma sociedade mais injusta na diferença de classes e conquista de direitos, uma situação que devemos evitar a todo custo. Os autores ressaltam que

A reforma ainda determina que o ensino da língua portuguesa e da matemática serão obrigatórios nos três anos do ensino médio e deixa as demais disciplinas, a respeito da forma de sua obrigatoriedade, para serem definidas pela BNCC, ou seja, não está claro se as demais áreas do conhecimento escolar (dentre elas a educação física, artes, filosofia e sociologia) serão obrigatórias nos três anos dessa etapa de ensino. A grande questão em deixar isso para depois é que o conteúdo da BNCC estava num processo de consulta pública, de diálogo com diferentes setores ligados à educação, processo este que foi interrompido com a mudança de governo e substituído pelas ações de gabinete dos atuais dirigentes do MEC e, portanto, as demais áreas de conhecimento (com exceção da língua portuguesa e da matemática) poderão ter sua carga horária reduzida e algumas (dentre elas a Educação Física, Arte, Filosofia e Sociologia) serem

¹³ Referência as propostas de reformas do ensino médio ocorridas no ano de 2016 e meados de 2018 e 2019, em que a educação física possivelmente se tornaria facultativa ou retirada junto a outras disciplinas como sociologia, filosofia e artes.

limitadas apenas ao primeiro ano do ensino médio.(BASTOS;JUNIOR; FERREIRA, 2017, p. 45)

Essas afirmações comprovam o que outrora fora afirmado do pensamento social que alguns governantes querem passar para a sociedade em geral, de que essas disciplinas não são tão relevantes quanto ler e escrever, calcular e resolver apenas, e se são, somente poucos privilegiados teriam acesso a esses conhecimentos?

Dentre essa e outras questões abordadas nessa proposta de reforma, eles destacam a fragilidade na formação do professor sob profissionais de notório saber ou técnico e precarização do trabalho docente, em suma, “se trata de uma política educacional que tem como meta a comercialização da educação brasileira, a destruição do ensino público e a precarização da carreira docente” (Ibidem, p. 47) e com a exclusão da educação física com as demais disciplinas o aluno perde a oportunidade de desenvolver-se no físico, moral, afetivo, moral e intelectual (Ibidem, p. 48).

Pode ser que sempre haja ameaças a sua permanência no ambiente escolar ou outros espaços, mas cabe a estrutura social vigente não se conformar que as diferenças sociais de classe econômica não são apenas uma disputa de poderes e vontades de uma sobre a outra mas uma condição de vida quase que imposta como no passado; “Se aceitarmos que seja função da Educação Física ensinar o corpo a ser corpo, cabe então a ela, bem como aos demais profissionais da corporeidade, a consciência do que tem sido feito ao corpo e participar desta reconstrução teórica e prática”(MARTINS, 2003, p. 74).

No artigo “Valoração Da Educação Física: Da Produção Acadêmica Ao Reconhecimento Individual E Social” de Macedo e Antunes (1999), as autoras relatam sobre a carência da atenção de políticas educacionais nos processos pedagógicos da educação física desde a formação dos profissionais pelas instituições e metodologias de ensino à infraestrutura e concepção sobre a sua área de atuação por parte desses profissionais, elas destacam pontos importantes que possivelmente corroboram na problemática quanto a valorização e valoração da disciplina, as autoras pontuam:

(...) Quando o foco de análise dirige-se para essas instituições, podem-se detectar três grandes falhas: a) uma abordagem sem meta definida; b) o desenvolvimento de habilidades motoras ao invés de habilidades pedagógicas; e, por fim, c) a falta de um corpo teórico que fundamente os procedimentos práticos e a filosofia de trabalho. (IBIDEM, p. 2)

É destacado no artigo a incoerência entre as produções de artigos científicos e as práticas nas escolas de que muito se produz, mas pouco se faz, não há um culpado, mas vários argumentos que comprovam que a situação de 21 anos atrás não se difere muito de hoje. Para as produções acadêmicas terem um sentido crítico e emancipador nessa área, deve-se associar com a realidade prática e concreta pelos profissionais de EF para que produzam intervenções superadoras no campo da prática pedagógica (Ibidem).

Em muitos casos, a maior parte da culpa recai sobre os profissionais dessa área que se encontram desmotivados e desacreditados não mais pela valorização dessa área mas pelo descaso das políticas educacionais por parte do estado, de lá até aqui houveram avanços significativos apesar de pequenos como reconhecimento da promoção de saúde, lazer e beleza do corpo que veem nela o caminho ideal para suprir seus desejos (ainda que isso não represente o todo que ela trabalha) mas que a torna mais popular, os estudos produzidos desde então, defendem e comprovam cientificamente o porquê dela ser tão necessária e mais presente no estilo de vida dos indivíduos, o contraposto triste dessa busca agora pela valorização é o que nos acompanha desde que ela se tornou obrigatória nas escolas e ativa fora delas é o próprio descaso por parte dos profissionais.

Se vê a diferença que lhe é possível alcançar numa escola, quando ela é bem conduzida e principalmente, se ela causar mudanças a todos os envolvidos (professores, alunos, diretores, pais) tendo isso como um objetivo, então de acordo com Macedo e Antunes (1999, p. 02), “um objetivo é exatamente aquilo que ainda não foi alcançado, mas que deve ser alcançado. Nesse caso, sem desconsiderarmos os objetivos da Educação, a EF depende do perfil do especialista da área”, não deve-se apenas reclamar e atirar a culpa na infraestrutura, na gestão escolar e política pois nisso também comodismo ganha amparo, mas deve-se trabalhar e elevar cada vez mais o sentimento de estima pelo que se faz e reconhecer a responsabilidade de educar futuros cidadãos que possam respeitar, opinar, debater, empenhar, envolver, interagir e crescer em todos os aspectos do ser humano sejam eles qual forem, reconhecendo o peso dessa incumbência de moldar bons caracteres na situação que for, mas que fique claro que isso não exclui a busca pela melhor qualidade das dependências que a EF tem.

Hoje, um pouco diferente de alguns anos atrás, invertemos o que as autoras destacaram como sendo o mais importante a agregar em seu sentido, a valoração, emitir um juízo de valor sobre algo ou alguém e isso ela já tem, mas agora buscamos a valorização dela que consiste em aumentar o valor daquilo que precisa ser mais, o desenvolvimento depende disso, buscar ser sempre mais e melhor no ato de ensinar/educar.

Esse percurso que fizemos pela história da EF e seu significado, para a liberdade dos indivíduos e os problemas atuais para sua valorização, enfatizam um significado que é tão valioso fora do espaço escolar quanto dentro dela, e é nisso que relacionaremos a liberdade de uma educação que visa a emancipação dos indivíduos pregado nas instituições de ensino e a liberdade dogmática pregado nas igrejas, e como os conceitos de liberdade variam nos sujeitos devido aos saberes das instituições sociais e as diversas filosofias de vida que tomam conta da consciência do corpo humano pensante.

5.3 A harmonia entre a religião e educação física

Na maioria dos estudos bibliográficos analisados anteriormente e que serviram de base para a construção de sentido que imperam no corpo dentro ou fora da escola, enfatizam a desarmonia entre o conhecimento científico do religioso do ponto de vista prática e apresentam a religião apenas como uma limitante das expressões corporais contrariando o que propõe a EF. Cada especificidade de saberes se distinguem pelos seus métodos de estudo e respostas aos fenômenos analisados, é inevitável as diferenças de cada aspecto do conhecimento científico ou não, apresentarem um posicionamento contrário ao outro.

“O corpo também é fruto das ideologias à sua volta” (MAROUN E VIEIRA, 2008, p. 182), portanto, suas ligações são possíveis, ao assumir os valores morais como um elo entre ambas nas práticas esportivas pois “(...) transmitirem valores que são comuns aos valores que acreditam, tais como: respeito, perseverança, importância do coletivo, disciplina, entre outros (NASCIMENTO; NASCIMENTO, SENA, 2019, p. 88). Pode ser “pela prática de atividade física e do desporto se

trabalha o corpo e a mente e através da Religião cuida-se da alma e do espírito e assim ambos se completam” (Ibidem, p. 87).

Diversas características humanas que fundamentam as atividades físicas estão presentes também na vida espiritual, como a confiança, perseverança, disciplina, dentre outras. Estes são exemplos de virtudes que se relacionam à prática esportiva e, também, à vivência religiosa. Além do mais, os mais variados tipos de esportes e atividades da cultura corporal de movimento incentivam e desenvolvem as capacidades de atenção, observação, organização, julgamento, decisão, entre outras, as quais são decisivas para o bem-viver.(CAMILO; SCHWARTZ, 2016, p. 249)

São nos conceitos do fazer e não fazer, certo e errado, bem e mal, salvação e perdição que somos encaminhados para mais próximo das diferenças entre ambos os contextos do corpo integral, ainda assim, enfatizar nas diferenças sem analisar as semelhanças e harmonia entre elas, pode caracterizar um juízo parcial de análise. Da Silva et. al (2010, p. 02), aponta para a contribuição da religião para o lazer e educação física em alguns pontos já mencionados anteriormente a favor do corpo integral, é pontuado:

A influência exercida pela igreja em muitas épocas não tinha como objetivo somente organizar cultos religiosos aos finais de semana, mas também organizava festas tradicionais, conselhos familiares e jogos principalmente em ambientes rurais onde a religião predominou por mais tempo, sempre visando hegemonia social por meio da coletividade, pois, durante muito tempo foi a religião que determinou quais os tipos de lazer a que a comunidade poderia usufruir. O lazer é imprescindível como forma de reparação das energias necessárias ao continuísmo do labor diário, e a religião sempre foi comumente vista como uma forma de lavar a alma dos pecados do mundo. Não obstante, essas discussões e pesquisas contribuíram e ainda podem contribuir para o profissional de Educação Física que atuará no âmbito do lazer , mostrando ao ser humano que ele tem direito à esta prática e que isto não o torna profano. O fato de não ser um homem religioso, não significa não ter o direito ao lazer. O profissional pode mostrar uma forma diferenciada de ver o mundo, valorizando alegria de viver; instruindo os indivíduos às práticas de exercícios físicos proporcionando assim qualidade de vida racional e espiritual. A atuação do profissional do lazer é comumente confundida com simples divertimento, trabalho fácil e prazeroso, onde brincar e se divertir o dia todo é a principal atividade. No entanto, esta é uma visão de lazer do senso comum, tendo em vista que a atuação profissional nesse âmbito exige conhecimento amplo e sólido por parte deste. A partir da perspectiva da animação sociocultural pode-se compreender que o papel do profissional atuante em lazer é o de promotor de lazer e animação cultural, mas também de construtor do lazer, respeitando cada ser envolvido no processo de construção destas atividades; promovendo ainda a compreensão de cada indivíduo em relação a si mesmo e a sociedade em que está inserido, independente de qual seja sua religiosidade

Maia et. Al (2017, p. 01) complementa afirmando:

Para além dos conteúdos e objetivos da disciplina, entendemos que essa deve preparar o aluno para o mundo do lazer e para a vivência das práticas lúdicas para além da idade escolar, enriquecendo a construção da cultura de movimento. A Religião, também como o esporte, é maciçamente influente na vida do ser humano. Esses fenômenos têm, de forma cada vez mais aceitável socialmente, estado bem próximos um do outro; e esse fato é

observado e pode ser bem trabalhado e explorado dentro da Educação Física, em aulas e contextos que envolva a disciplina. O objetivo da vivência foi demonstrar para os futuros professores que, quando unimos a religião com a Educação Física, é possível contribuir com o desenvolvimento ético, moral e disciplinar, usando a Religião como uma ferramenta para trabalhar o comportamento das crianças. Nossa vivência foi caracterizada por uma explicação sobre o que é moral, ética e seus valores ao mesmo tempo que buscou-se distinguir o que são bons e maus hábitos. Sucedeu-se uma dinâmica para interação dos futuros professores com base nos valores e sua ação.

A religião pode ser vista também como uma auxiliadora para a promoção das práticas de atividades físicas, sendo que o Templo Corporal precisa ser cuidado e zelado desde a mais tenra idade, afinal, é do agrado do Divino o cuidado de si mesmo, seus padrões morais estabelecidos que desencadeiam no agir do corpo são expressões escolhidas pelo sujeito naquilo que assume ser útil e valioso para si mesmo.

(...) Estar engajado a uma crença religiosa pode funcionar como um aspecto facilitador para a adoção de um estilo de vida ativo(...) Do ponto de vista da saúde do adolescente, a prática de atividade física nesta fase da vida significa construir uma base sólida para o estabelecimento de um estilo de vida ativo na idade adulta e a religião, neste caso, pode funcionar como um aspecto influenciador para a mudança de comportamento relacionado à saúde, representando um papel importante no momento em que ocorre o despertar para os fenômenos religiosos. (SANTOS et. Al, 2014, p. 16)

A linha tênue entre as práticas de atividades físicas e o agir com o corpo santo, são os sentimentos abstratos, próprio da subjetividade do indivíduo que interferem nas suas relações sociais e espirituais, a mente, o caráter e a personalidade pelo qual somos definidos no mundo, e classificados como bons e maus. A questão por parte da maioria das religiões abordadas nesse trabalho, não seria a de “proibir” as diversas manifestações corporais, ainda que possa haver exceções, mas o valor intrínseco que cada ação corporal significaria para o indivíduo.

O que poderia tomar o lugar dos valores morais requeridos por Deus através do corpo? Os perigos da tentação carnal e o culto a si mesmo que podem desencadear em valores subvertidos e imorais, mas que erroneamente são generalizados aos fiéis e adeptos que não se pervertem em seus propósitos espirituais, como por exemplo ir em “(...) academias, aos clubes e a outros locais nos quais o quesito “culto ao corpo” é bastante estimulado”. (RIGONI, 2016, p. 130).

Todavia, mesmo com o advento da aquisição/conservação da saúde, é o próprio ambiente das academias de ginástica a serem inadequados aos adeptos das religiões cristãs por serem espaços em que as vaidades

estéticas tornam-se a floradas e alimentadas pelos constantes olhares em direção a própria imagem (...).(PARENTE, 2012, p. 25)

Ainda assim, o viés desarmônico nas formas de lidar com o corpo se sobrepõe a contribuição do trabalho mútuo com o foco na saúde e bem estar do sujeito em todos os seus aspectos que ambas tem em comum ou que na maioria dos estudos analisados, há um fim passível de novos métodos de aprendizagem nas aulas de EF sem necessariamente serem apresentados; em seguida veremos como a comunidade científica de EF através do CBCE, tem abordado sobre o corpo sagrado em instituições de ensino nas aulas escolares.

6. ANAIS DO CBCE- AS ABORDAGENS SOBRE O CORPO RELIGIOSO

Para construção desse trabalho realizou-se primeiro o levantamento de estudos baseados no conhecimento do corpo e seus modos de manifestação desde antes do período moderno, tomando em consideração algumas das primeiras civilizações e seus aspectos sociais e religiosos que tiveram um papel mais relevante, na influência do saber corporal de outras sociedades e que ainda hoje norteiam o valor que o corpo pode carregar em si mesmo até mesmo como um símbolo. Utilizou-se os descritores Corpo, Religião, Educação Física e Escola para o levantamento de artigos que ajudariam no esboço da pesquisa nos bancos de dados mais comuns como: Scielo, Google Acadêmico, Revistas Acadêmicas e nas Referências dos artigos publicados, documentos eletrônicos do CBCE.

Foram coletados 42 artigos numa ampla escala temporal que os descritores possibilitaram analisar desde o conhecimento clássico que serviu de base para o desenvolvimento do que há de mais atual sobre o tema, até as mudanças que permeiam as novas concepções do corpo; foram divididos por categorias de análise por conteúdo e relevância sobre o tema e o tempo para estudos mais atuais sobre corpo e religião; foram encontrados apenas 13 artigos datados dos últimos cinco anos até o presente ano e 7 artigos dos estudos da doutora Ana Carolina Capellini Rigoni que perpassa profunda afinidade com o estudo sobre corpo e religião nas aulas de EF.

Em seguida, foi realizado o levantamento no site do CBCE (Colégio Brasileiro De Ciências do Esporte) de todos os anais dos eventos científicos publicados (CONBRACE & CONICE, Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte, Congresso Sudeste de Ciências do Esporte, Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, Congresso Nordeste de Ciências do Esporte, Congresso Norte-brasileiro de Ciências do Esporte) datados dos anos de 2013 à 2021, sendo essa a análise final para elaboração da pesquisa, com intuito apresentar o que a comunidade científica de EF tem estudado sobre o tema, quais as religiões em maior evidencia no estudo e a frequência dessa abordagem em seus eventos científicos dentro do período traçado.

A relevância de estudo nos documentos do Conbrace, estreita a afinidade específica sobre o tema, tomando em consideração que Colégio Brasileiro de

Ciências do Esporte (CBCE) é uma entidade científica que congrega pesquisadores/as ligados/as à área de Educação Física/Ciências do Esporte, sua atuação permanente é justificada por seus objetivos, declarado em seu estatuto:

Art. 2º.

a. Promover e incrementar os estudos e pesquisas relacionadas à área acadêmica Educação Física, que abrange o campo das Ciências do Esporte e suas subáreas Sociocultural, Pedagógica e Biodinâmica; (...)

c. Veicular o conhecimento produzido na área da Educação Física, que abrange o campo das Ciências do Esporte e suas subáreas Sociocultural, Pedagógica e Biodinâmica, por meio da publicação de periódicos, da promoção de reuniões científicas e outras iniciativas, ordenadas pelas dimensões científica, política, cultural, técnica, dentre outras, em que o contexto social exija participação desta Associação Científica; (...) (CBCE, 2018)

E baseado nesses objetivos, esse estudo buscou apresentar como a comunidade científica tem abordado questões sobre corpo, religião e EF em seus eventos científicos como o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) que é seu evento científico nacional realizado a cada dois anos como também os congressos estaduais e/ou regionais realizados periodicamente e sendo organizado pelas Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos (GTT's). O olhar acadêmico e científico enriquece as discussões sobre as produções, os métodos e desenvolvimentos de estudos que permeiam a educação física como a responsável pela cultura corporal de movimento.

Dentro do espaço amostral das produções científicas dos anos de 2013 à 2021 o levantamento foi realizado prioritariamente nos anais do Conbrace por ser este um evento de maior abrangência do CBCE, mas também nos eventos Regionais (Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte, Congresso Sudeste de Ciências do Esporte, Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, Congresso Nordeste de Ciências do Esporte, Congresso Norte-brasileiro de Ciências do Esporte); o levantamento foi realizado nos GTT's Corpo e Cultura, Educação Física Escolar e Inclusão e Diferença de cada evento, sendo que dos 5 congressos regionais citados anteriormente, foi encontrado apenas 1 documento específico ao tema desse estudo no Congresso Norte-brasileiro de Ciências do Esporte (VII CONCENO) realizado em 2018, do total de 6 documentos analisados.

Seguindo a ordem temporal, o mapeamento dos anais do Conbrace referentes ao tema foram dos anos de 2013, 2017, 2019, de 1 à 3 artigos respectivamente, sendo encontrado apenas um documento regional de 2018 já citado anteriormente, segue abaixo o quadro explicativo:

QUADRO 2- Análise documental do CBCE

TÍTULO DOS ANAIS	SUBTÍTULO	NOME DO EVENTO	DATA DE PUBLICAÇÃO
Corpo e religião	Aproximações possíveis	XVIII CONBRACE V CONICE	2013
Educação Física escolar e lazer de alunos evangélicos	-	IX CONBRACE VII CONICE	2017
Educação Confessional	Uma análise da pedagogia adventista e suas implicações no currículo da educação física	VII CONCENO	2018
Confrontos religiosos nas aulas de educação física	A interdição do corpo	XXI CONBRACE VIII CONCENO	2019
O corpo pecado e corpo santo regulados no espaço escolar	Um debate a partir do conteúdo dança numa escola adventista em Belém do Pará	XXI CONBRACE VIII CONCENO	2019
O corpo, o sagrado e sua dimensão educativa	-	XXI CONBRACE VIII CONCENO	2019

FONTE: Autor

É pouca, a quantidade de estudos por evento voltados para o corpo religioso, isso pode abrir um leque de oportunidades para pesquisas sobre o trato com o corpo religioso nas práticas de atividades, exercícios físicos ou quais os olhares sobre o corpo que ainda estão presentes no mundo contemporâneo perante dogmas bíblicos, já que o aspecto sagrado pode ser considerado um dos motivos para abstenção das aulas de Edf sem contar com as escolas confessionais, que já seria

outro caso de estudo. No primeiro texto analisado por título: “CORPO E RELIGIÃO: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS” de Ana Carolina Rigoni do XVII CONBRACE, a autora busca refletir algumas análises sobre os “usos do corpo” relacionados com uma educação que perpassa pela história sempre com algum conhecimento religioso e suas implicações no conceito corporal do sujeito.

Ela destaca que na maioria de determinadas áreas do conhecimento , pensar no corpo significa pensar nele exclusivamente como um organismo biológico e que o possuir nos torna semelhantes no quesito reconhecimento como parte do gênero humano (RIGONI, 2013^a, p. 1), nisso fundamenta-se a base da integração social onde o sujeito é reconhecido por possuir características anatômicas iguais aos da sua espécie já que não é a língua a primeira forma de identificação dos sujeitos e sim o corpo, “seus gostos, seus modos de se comportar, a língua que ele fala e outros inúmeros aspectos de sua vida social só podem ser conhecidos após a aproximação e o contato com ele. Ainda que o corpo seja a primeira forma de identificação dos sujeitos” (Ibidem).

A partir do momento que somos reconhecidos como seres humanos, somos classificados pelas nossas relações sociais, a fim de cumprirmos funções heterogenias envolvendo raça, gênero e sexualidade etc. que em sua maioria são de teor biológico (Ibidem, p. 2), desse modo, de acordo com a autora, os papéis de macho e fêmea tornam-se específicos e ligados a sexualidade e que por sua vez é confundida com gênero, já que o discurso biomédico se torna mais relevante e científico de certa forma. A partir das distinções sociais, a criação dos modelos de comportamento são ligados a sexualidade por meio do papel simbólico de homem e mulher, criando uma hierarquia entre as diferenças dos corpos e seus símbolos, como por exemplo, a imagem de força e virilidade estar ligada ao homem, docilidade e fragilidade ligada à da mulher.

Esses papéis sociais criam o ideal e o não ideal da ação do sujeito, que a autora chama de “não recomendado” por parte da religião que segue, o corpo com significado vestido pela sociedade agora pode intervir em si mesmo baseado pela vontade própria, mas norteadas pelas instituições sociais nos quesitos saúde, beleza, alimentação e prazer. A autora chama atenção para a educação do corpo pela busca do ideal de beleza que tem na mídia a de sua maior professora, por ela são enfatizados os papéis a serem exercidos no meio social e principalmente na

economia do bem simbólico que corpo carrega consigo, tanto o feminino quanto o masculino, amparados pelo ideal estético.

Rigoni (2013^a) cita como ponto central no “mundo das religiosidades” que a força antes exercida pela Igreja Católica no agenciamento dos corpos, compete com as demais esferas ou instituições dominantes e até mesmo com outras denominações religiosas incluindo as protestantes que juntas criam os discursos de vida social que moldam os gestos corporais (Ibidem, p. 4). Ela discorre que a desagregação entre as religiões protestantes da Igreja Católica e o advento da modernidade onde a secularização começa a predominar, levaram a separação entre igreja e estado, fé e razão respectivamente.

No entanto, cada denominação protestante como um todo tem ainda suas especificações de catecismos ou regras de normas e de conduta que guiam e norteiam a vida ou o caminho do crente adepto e membro desta ou daquela denominação (CAMARGO, 2018, p. 32), e ainda assim “o corpo é, para os evangélicos, objeto de constante desconfiança moral” (COFANNI; GOMES, 2019, p. 03). Tanto o cristianismo quanto o protestantismo se tornaram necessárias, mas não extintas, tornando a religião multifacetada e pluralizada disseminando as diversas práticas religiosas que culminam num corpo religioso, moldando o comportamento do indivíduo em aceitar ou negar algo para seu próprio corpo, como parte do seu estilo de vida.

Segundo Cofanni e Gomes, (2019, p. 7), “...o corpo continua no lugar marginal e, justamente por isso, ele precisa de mais atenção por parte do grupo religioso”, afinal, ele sempre esteve submetido aos desígnios divinos frente a natureza pecaminosa que é inerente ao sujeito, principalmente vista na exigência rígida da postura feminina que sempre teve sua imagem ligada a sexualidade e aos prazeres da carne tidas como pecaminosas. Na concepção da autora, ela aponta que a linguagem tem um papel fundamental na educação de nossos corpos, ou seja, assimilamos os conceitos, verdades e experiências como parte do nosso corpo e nisto a esfera religiosa tem uma parte importante nos conceitos de ser/ter um corpo, ela diz que “(...) somos frutos da linguagem (...) a educação de nossos corpos está intimamente relacionada às tradições orais cotidianas. Dentre estas tradições, sem dúvida, a esfera religiosa é bastante significativa” (Ibidem, p. 10).

No final da análise, a autora nos leva a refletir sobre como esses conceitos muitas vezes normativos exercem controle sobre os corpos dos alunos e que muitas vezes podem chegar a ser conflitantes caso os professores e profissionais de Edf não estejam atentos aos processos que interferem na educação do corpo enquanto objeto de estudo, agentes de nossa intervenção pedagógica (Ibidem, p. 11), e isso dá-se não somente pela religião como a maior comandante do corpo, mas como uma dentre as várias agenciadoras do comportamento humano, as demais instituições sociais em maior evidencia no mundo contemporâneo: a família, a escola, o trabalho, a Igreja e o Estado.

Em suma, a diversidade de vestimentas sociais que integram o conceito de corpo e a ação com e sobre ele, deve ser considerada em todos os aspectos para que o processo de ensino e aprendizagem seja o mais eficiente possível, cabendo ao professor analisar e desenvolver meios de alcançar todos os alunos sem qualquer distinção incluindo o da crença religiosa; sobre os conceitos históricos do corpo com a religião ela ressalta que há uma indissociabilidade entre ambas e que a mudança significativa que houve no papel da religião Cristã dominante foi a perda e divisão do controle sobre os indivíduos e seus corpos com outras esferas do conhecimento e com as demais religiões emergentes.

Quatro anos adiante no XX CONBRACE, em “EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E LAZER DE ALUNOS EVANGÉLICOS” de Sajorato e Rigoni (2017), a análise volta-se de forma mais específica aos segmentos evangélicos dentro de uma pesquisa etnográfica em duas escolas públicas a fim de entender “ (...) como e se a experiência afetiva com as práticas corporais vivenciadas durante as aulas de EF são capazes de transformar a relação de alunos evangélicos com estas práticas e com o “uso do corpo” no tempo livre” (SAJORATO e RIGONI, 2017, p. 868), e que podem interferir nas práticas do lazer fora do ambiente escolar.

Elas explanam que tais práticas corporais são restringidas aos alunos pela família e igrejas evangélicas (tradicionais), como à participação em jogos, danças, e outros conteúdos da EF e do lazer, e por fim contrapondo a Edf já que é a disciplina capaz de realizar o encontro entre esses alunos e o conhecimento dessas práticas e que dificilmente teriam fora do espaço escolar, já que são considerados “mundanos” por parte dessas denominações. (Ibidem, p. 869)

Em suas análises de estudo, os alunos são proibidos de participarem das aulas de Edf e de qualquer outra atividade que tenha como princípio o movimento e as práticas corporais sem fins religiosos, já que há uma diferenciação entre as “coisas de Deus” e as “coisas do mundo” que de certa forma incidiria no comportamento dos alunos durante as aulas, as religiões citadas foram as de denominações Pentecostais que levam os alunos do grupo religioso a criar modos próprios de lidar com as diferentes exigências (religiosas versus escolares). (Ibidem)

Elas apontam que talvez seja possível falar com os alunos sobre a participação nas atividades propostas durante as aulas e assim eles podem produzir acordos entre o que cada uma das instituições ensina. Esses acordos, podem ser estabelecidos com conhecimento e “permissão” (num sentido velado) da instituição religiosa, que vai assimilando as mudanças diárias e se acomodando às novas demandas da “fé”. A igreja para manter a fidelidade dos fiéis em seus templos de congregação hoje, acabam tornando-se mais permissivas a certos tipos de práticas que outrora seria inconcebível a seus fiéis, como por exemplo a igreja Assembleia de Deus citada na pesquisa etnográfica de Rigoni¹⁴, onde a igreja se apresenta mais flexível do que a de tempos atrás.

Já em “EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E RELIGIOSIDADE: INVESTIGANDO RELAÇÕES E TENSÕES” de Santos e Cardoso (2017), a atenção é voltada para como os acadêmicos religiosos lidam com o corpo durante o decorrer do curso de graduação de EDF, ambas analisaram qualitativamente a religiosidade, crenças e práticas, visão de corpo, religiosidade e corpo, religiosidade e Educação Física, universidade e respeito, ordem de importância e críticas e apreciações (SANTOS e CARDOSO, 2017) e constataram que os estudantes em sua maioria eram cristãos, mas que também havia uma parcela de ateus e de crentes sem religião.

Foi visto que mesmo na graduação, a perspectiva religiosa é evidente na compreensão do corpo de forma igual entre os cristãos e causa certa interferência no lidar com o corpo já que suas práticas religiosas trazem orientações daquilo que é permitido e o que não é, assim eles acreditam que se privam de algumas experiências do curso (Ibidem), como acontece nalgumas atividades durante o ensino fundamental e médio, assim a educação religiosa é capaz de manter-se como um princípio norteador por muito tempo no estilo de comportamento adotado

¹⁴ RIGONI, Ana Carolina Capellini. Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino: implicações para a Educação Física Escolar. 2008, 160f

pelo indivíduo, não se limitando apenas ao período escolar mas na educação para o mercado de trabalho no ensino superior.

Das práticas na graduação que tiveram maior oposição aos seus princípios eclesiais, “foram citadas: natação, testes e medidas, danças africanas e primeiros socorros; uma vez que para eles, estas disciplinas expõem muito o corpo e este fato contraria seus princípios religiosos” (Ibidem); as autoras finalizam que o corpo religioso é o mesmo corpo da educação física, então ambos acabam sendo parte integrante do ser humano e que a importante incumbência no compromisso de educar deve ser do profissional não podendo haver qualquer omissão inclusive de nossas convicções éticas.

6.1 VII Conceno: um estudo singular sobre o tema

Os congressos regionais de Ciências do Esporte são eventos organizados pelas Secretarias estaduais do CBCE da região Sul, sudeste, centro-oeste, nordeste e norte do país; do levantamento nos demais congressos realizados dentro da margem dos anos escolhidos para a pesquisa, em apenas um congresso foi encontrado um documento específico ao tema, na região norte, a partir disso, é evidente a necessidade de pesquisas e estudos que tenham como fundamento o corpo religioso na vida dos alunos dentro e fora do espaço escolar, como houve mudanças desde então ou se houve alguma qual? Já que a EF tem amparo legal para seu livre exercício na educação escolar ao mesmo tempo que a religião ou o direito de crença também possui, as aulas se desenvolvem igual para todos os alunos?

Dos 13 congressos regionais consumados nos determinados períodos, o Congresso Norte-brasileiro de Ciências do Esporte (CONCENO) possui apenas um documento referente ao tema desse estudo por título “Educação Confessional: Uma Análise da Pedagogia Adventista e Suas Implicações no Currículo Da Educação Física”, em 2018, seu último evento.

O VII Congresso de Ciências do Esporte da Região Norte (CONCENO) é um evento de caráter científico criado com o intuito de dar amplitude às pesquisas produzidas na região norte do Brasil nos campos da Educação Física, do Esporte e do Lazer. O evento regional vislumbra a possibilidade de consolidar parcerias entre instituições onde há a presença de cursos de Educação Física,

grupos de pesquisa, programas de pós-graduação e movimentos sociais, clubes, federações e organismos de característica pública ou privada que tenham interesse na troca de conhecimentos, socialização de experiências e ampliação do debate nas questões ligadas a estas áreas de intervenção e produção de conhecimento. (CBCE, 2018)

Vale ressaltar que, quanto mais estudos sobre temas relativos à educação física e as abordagens corporais forem discutidas em eventos científicos, maiores são as chances de uma proposta efetiva de intervenção que possam diminuir as dificuldades encontradas e aprimorar metodologias de ensino mais eficientes. O documento analisado, especifica como a pedagogia adventista pode interferir na execução do currículo de EF em suas redes de ensino, sendo uma escola confessional também possui uma das características mais importantes das instituições deste tipo, a manutenção de identidade e das premissas religiosas frente ao contexto social secularizado.

Furtado, Moreira e Oliveira (2018, p. 02) cita sobre os fundamentos da educação cristã Adventista pautados na bíblia e nos escritos de Ellen White, que objetiva levar o indivíduo a exercer a cidadania responsável servindo a Deus, a sociedade e a si mesmo, por conseguinte, na área educacional a razão e a fé são essenciais para o processo de ensino-aprendizagem não havendo dissociação de uma em detrimento da outra, mas que a racionalidade humana deve ser guiada pela razão das escrituras sagradas, a bíblia, desse modo, a educação do corpo seria a parte integrante de uma restauração (no sentido lato) pautados na ótica cristã sobre mente, corpo, espírito, caráter, personalidade e mundo e que são refletidas na sistematização dos currículos disciplinares.

Até certo ponto, os valores morais da crença coadunem com os da EF enquanto disciplina “tendo o percurso da formação escolar enquanto projeto político que busca a formação da sociedade (...), formando identidades e regulando as ações dos sujeitos perante a educação” (Ibidem, p. 3), a análise sobre a educação corporal nessa instituição pelas autoras, é limitada por elementos de caráter religioso ao não contemplarem os conteúdos como a dança e a luta como deveria ser, por estas serem gatilhos de despertamento para sexualidade e violência, algo que fere os preceitos da religião Adventista e por fim, na educação do corpo.

Observou-se a supervalorização esportiva como promotora de noções higienistas e da saúde além do desenvolvimento das capacidades motoras em detrimento dos demais conteúdos como os jogos e a ginástica por exemplo, a

filosofia da educação Adventista busca centralidade na religião mesmo que seja através das práticas de atividades físicas que se engajem no uso dos 8 remédios naturais para o cuidado com “Templo do Espírito Santo” que é o corpo e que ficam mais evidentes nas aulas de EF em suas escolas. (ibidem, p. 4)

As práticas corporais relacionam-se com a construção do caráter, pois ao ensinar a importância da observância de regras e de regulamentos que compõem os mais diversos jogos esportivos, privilegiam a disciplina, que dentre outras é aplicada à vida. O exercício da disciplina favorece o desenvolvimento do respeito e da obediência às determinações e evoca o sentido de responsabilidade para consigo, com o próximo e para com Deus. (SANTOS; GOELLNER, 2014, p. 388)

No entanto, ainda que haja essa distinção curricular, ainda há a busca pela excelência acadêmica a fim de contemplar o exercício responsável da cidadania comprometida com a sociedade e com Deus (ibidem), a EF é ensinada de uma forma que o corpo seja dedicado a servir aos propósitos do Espírito Santo e a sociedade, então cuidar de si mesmo tem uma implicação maior do que apenas higienista e saúde pessoal, o cuidado de si mesmo é a vontade de Deus e através dessa disciplina a filosofia Adventista ainda se mantém resistente a secularização ainda que seja norteada “(...) por uma diretriz nacional, o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), no entanto, a Filosofia Adventista Cristã prevalece no exercício das intervenções”. (ibidem, p. 05)

A questão não é a privação de suas competências pedagógicas pelos professores da disciplina, mas a dependência limítrofe das ações na instituição que trabalha o currículo disciplinar corretamente, porém não em sua totalidade já que a teoria é mais viável para acessar alguns conteúdos práticos como dança, luta e jogos.

A cerca disto, sabendo que o caráter religioso permeia os ensinamentos na instituição, consideram-na importante na medida em que esta difunde um ensinamento para a formação de seres humanos íntegros em consonância com o mundo, entretanto, uma educação que assume um caráter religioso, diante de uma sociedade que deveria ser instituída como laica, passa a limitar o curso das ações, e esses limites perpassam e atingem a formação integral dos alunos. (ibidem, p. 4)

As autoras associam os princípios morais e da atenção aos cuidados do corpo pela instituição como uma distinção religiosa que norteia através de suas instituições de ensino a filosofia de sua crença, desse modo sendo caracterizada como uma instituição confessional com bases teológicas que implementam dogmas sobre o indivíduo inclusive o corpo de seus alunos. A EF cumpre o papel enquanto disciplina escolar mas atende ao PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola que pode intervir no andamento das aulas de EF limitando certas práticas que ferem os

princípios bíblicos, a partir disso, o corpo ainda possui o valor importante no relacionamento com Deus sob o nome de Espírito Santo baseado na passagem bíblica de Coríntios 6:19 que diz: “Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de vocês mesmos?”

Desta passagem bíblica, afirma-se que os cuidados com o corpo em todos os aspectos refletem a vontade do seu Criador já que Ele é o provedor de tudo que o ser humano possui, inclusive o corpo, e esse mesmo corpo sendo o templo do Espírito Santo confirma seu caráter através das ações por meio dos frutos espirituais advindos Dele ou não, citados em Gálatas 5:22,24 onde há clara exaltação dos frutos do espírito em detrimento dos frutos da carne, e que nelas se alicerçam os princípios e valores morais que servem como referência para o corpo do indivíduo em sua totalidade, nas dimensões de sua aprendizagem motora, afetiva e cognitiva e que coincidem também com as áreas da atuação divina nos aspectos físico, mental e espiritual. É afirmado: “ Mas o fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança (...), Porém os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências”.

De certa forma, o processo de secularização em meio a ideologia cristã adventista implementa sobre os alunos um norteio corporal nas aulas, pautadas nas escrituras bíblicas onde justificam a importância do ensino teórico-prático para a formação de cidadãos para que possam contribuir com a realidade, pois as formas de lidar com a práxis das lutas e da dança por exemplo, representam uma nova forma de olhar o mundo e de introduzir valores sociais que transformem a realidade apenas sob uma perspectiva diferente com valores corporais mais tímidos dos habituais excluindo a violência e a sensualidade respectivamente.

6.2 XXI Conbrace: evento com mais estudos no período analisado

O que pode o corpo no contexto atual? É a pergunta que também é o tema do evento em 2019, frente aos contextos sociais e políticos atuais que vem impactando as regularizações dos sistemas sociais e de ações em suas diretrizes, tudo que envolve o corpo e sua cultura é dependente das transformações dos valores sociais,

políticos e ideológicos, a perpetuidade de um mesmo conceito é temporal podendo esse se tornar tanto premissa como algo a ser mudado.

No documento de Barbosa, Ferreira e Moreira (2019) podemos entender mais uma análise de interdição no corpo que tem a EF como a disciplina onde os alunos escolhem se ausentar ou não praticar determinados tipos de atividades físicas, em sua maioria, protestantes¹⁵, através de uma revisão de literatura sobre membros da igreja Assembleia de Deus descobriram que a maior parte deles não possuíam hábitos da prática de atividade física, mesmo que não tivessem recebido alguma orientação por parte dos seus líderes religiosos para não praticarem, a religião em si os levava a entender o corpo como algo a ser preservado e não exposto.

Essa questão é retomada e mais enfatizada sobre o corpo feminino na realização de determinados movimentos corporais das atividades, o uso das roupas e do cuidado com a exposição do corpo muitas vezes as impedia de praticarem atividades físicas como a dança, as lutas, os jogos de tabuleiro e, principalmente, a capoeira. A pesquisa qualitativa com 490 alunos, 4 professores de educação física e 7 líderes de igrejas, concluiu que essa preocupação com o corpo é uma ação restrita da igreja para evitar que o sujeito peque e leve outros a pecarem através dos seus comportamentos, tendo como base as sagradas escrituras bíblicas.

Já os professores entrevistados que reconhecem essas interdições corporais do corpo sagrado dos alunos, se apresentaram inertes, pois nada fazem a respeito sobre alternativas para educação prática, e isso pode nos servir de base para uma situação em escala maior nas escolas do país, então a ação pedagógica deveria ser repensada de uma forma que a inclusão pudesse ser estendida a todos, caso contrário essa seria mais uma situação de exclusão ou segregação além dos que já existem por motivos psicofísicos, podendo vir a se tornar uma barreira a mais na educação que visa igualar os diferentes em todo território brasileiro.

De forma específica, uma das atividades físicas mais negadas dentro de instituições confessionais ou de alunos evangélicos é a prática da dança como manifestação corporal natural, mas rodeadas de valores simbólicos e morais que são os principais motivos de sua rejeição por parte dos demais, é isso que Lima et al. (2019) aborda em sua pesquisa de cunho qualitativo numa escola Adventista de

¹⁵ De acordo com Barbosa, Ferreira e Moreira (2019), (...) “protestante” representa religiões cristãs não católicas que surgiram a partir da reforma da Igreja no século XVI na Europa.

Belém do Pará, e que afirmam que esse conteúdo deve sim ser transmitido dentro da escola de forma prática e não apenas teórica, é afirmado:

(...) O que se compreende como Educação Física Escolar é proporcionar aos alunos as mais diversas formas de práticas corporais que possam auxiliar no desenvolvimento da cultura corporal, bem como possibilitar que os indivíduos tenham uma relação com a realidade vivida e destas com o mundo; e a partir dessas relações descobrir-se como sujeito, ser humano e ser criativo. Com isso, entende-se que a dança deva sim ser ensinada no ensino escolar. (Ibidem, p. 02)

O papel da religião sempre terá relevância enquanto houver um número significativo de adeptos e a bíblia com seus ensinamentos morais variados e suas diversidades de interpretações, os autores explanam sobre como a religião é inerente a estrutura social e sua relevância na opinião dos cidadãos, abrangendo seu significado no sentido lato não se restringindo apenas a Adventista em um certo momento, pois ela é uma em meio a milhares de outras que existem, a influência religiosa ainda hoje é inegável e seus conceitos ainda permanentes mesmo que menor do que outrora possuía.

No entanto, nessa escola Adventista através de uma entrevista semiestruturada aos docentes, a concepção de pecaminosidade dessa prática foi unanime por parte deles contrariando a opinião dos alunos que a viam como uma forma de expressão de liberdade corporal e desenvolvimento das capacidades físicas além da interação social que é tida como benéfica; a dança “é transcendência, emoção, expressão, sentimentos, linguagem e comunicação; interação entre os aspectos fisiológicos, psicológicos, emocionais, intelectuais; entre tempo, espaço, ritmo; arte; educação” (Ibidem, p.03) contrariá-la seria negar o indispensável a educação de qualquer escola.

As justificativas de suas posições estão baseadas em passagens bíblicas de I Tessalonicenses 5:23, I Coríntios 6:19 e 20 e em Romanos 6:12 e 13 já citadas anteriormente e algumas. mais enfáticas sobre a santidade do corpo expressa através dos gestos, incontaminando-se do mundo e de seus prazeres carnis que os desligam de Deus, ao final de suas conclusões, os autores se contrariam ao abordar de forma crítica a visão da dança pela religião Adventista e ressaltam sobre a necessidade prática de sua aplicação aos alunos, todavia não apresentam uma proposta de intervenção, mas passam adiante para as futuras pesquisas da comunidade acadêmica e científica terminando com a sugestão do respeito as diferenças que mais combina com a inercia de transformação a ser alcançada.

Por fim, temos a análise de Oliveira e Nóbrega (2019) unindo os três parâmetros de estudos abordados nesse trabalho, levando tanto o corpo quanto o conceito sacral na dimensão educativa através do uso da imagem como forma de linguagem indireta; nesse estudo a percepção do corpo ao ser atingida pela imagem expressa os gestos, na experiência com o cinema. O documentário “Baraka: um mundo além das palavras” de Ron Fricke (1993), é a base para pesquisa onde o silêncio da linguagem falada leva a imersão do telespectador para o imagético onde a expressão do corpo de quem vê para o que está sendo visto gera uma comunicação além do visual, mas sim de toda estesia humana.

O corpo vê-se a desvendar o mundo através de uns dos seus primeiros contatos perceptivos, a visão, dessa forma, reaprender a ver o mundo sem as palavras exprime um sentimento mais profundo do que através da fala já que as imagens geram histórias e por final, um sentido no que se vê. Os autores expõem algumas cenas refletem sobre o corpo, sagrado e educação, imagens de templos e sinagogas e sons de sinos além de diversos corpos de várias religiões que se gesticulam na devoção, reverência e meditação ou oração não sintonizam com seu estado afetivo, visto que na maioria das cenas aparecem livros apenas como representações simbólicas e as nuances de racionalização são deixadas de lado como percebidas em certos rituais religiosos que mais refletem o “ser selvagem” (OLIVEIRA E NÓBREGA, 2019).

Os ritos, os mitos, os sacrifícios, os símbolos, a sexualidade, são expressões do sagrado vividos sob o nexos intelectualizado, que os aproxima da razão, do sujeito que pode exprimir e explicar o sagrado através do corpo numa linguagem indireta e de caracterização inerente do corpo ser de linguagem ainda que através da religião e é o que a EF tenta tratar nos seus processos educativos, dessa forma, a linguagem indireta poderia ser exaltada sobre o dualismo sobre o corpo, a experiência do sentir e viver segundo os autores é a ação carnal de estar no mundo, é a expressão corporal de permutar entre o sensível e inteligível (Ibidem, 2019), o viver por viver e o sentir por sentir e nada mais.

Desses documentos encontrados nos anais dos eventos científicos no CBCE, a noção do corpo no contexto religioso nas aulas de EDF, resumem-se no quadro explicativo abaixo, apresentado respectivamente na ordem cronológica dos documentos:

QUADRO 3- Resumo da análise documental do CBCE

TÍTULO DOS ANAIS	AUTORES	DESCRIÇÃO DOS ARTIGOS
Corpo e religião	(Rigoni, 2013 ^a)	O corpo é social e uma expressão da linguagem humana captada e definida pelos diversos saberes existentes; a religião apesar de multifacetada, direciona os gestos e os “usos do corpo” para o divino de forma atemporal.
Educação Física escolar e lazer de alunos evangélicos	(Sajorato e Rigoni, 2017)	O corpo evangélico torna-se limitado a determinadas práticas da EDF que podem ser encaixadas nas “coisas de Deus e coisas do mundo” além de ser dependente da permissão dos líderes religiosos ou familiares para execução dessas práticas.
Educação Confessional	(Santos e Cardoso, 2017)	A religião é um princípio ainda norteador na vida acadêmica dos estudantes da graduação de EDF, pois o agir com o corpo ainda apresenta resistência a determinadas práticas corporais devido os ideais eclesiásticos.
Confrontos religiosos nas aulas de educação física	(Furtado, Moreira e Oliveira 2018)	A educação Adventista infere no corpo um viver saudável consigo, com o próximo e com Deus de forma que exerça seu livre arbítrio de forma responsável; não há muita atenção em determinados conteúdos da EDF na prática por irem contra os princípios bíblicos.
O corpo pecado e corpo santo regulados no espaço escolar	(Barbosa, Ferreira e Moreira, 2019)	A abstenção dos alunos nas aulas de EDF e à certas práticas de atividades físicas em sua maioria dão-se pelas normas de conduta professadas por algumas religiões protestantes; há maior rigor no trato com o corpo feminino.
O corpo, o sagrado e sua dimensão educativa	(Oliveira e Nóbrega, 2019)	O corpo desvenda o mundo através da visão, em busca de um sentimento mais intrínseco; A estesia na religião é possível através da imagem; o dualismo entre EDF e religião seria uma permuta entre o sensível e inteligível, viver, sentir e nada mais.

FONTE: Autor

Dos 5 Conbrace e Conice, houveram apenas 5 documentos ressaltando sobre a noção do corpo religioso nas aulas de EF, com a média de uma produção para

cada ano de evento, e 1 produção nos documentos regionais dentro de 13 eventos realizados; esse levantamento só reforça a ideia de que há um estado de inércia quanto aos problemas abordados sobre esse tema, e da distância das possíveis soluções frente as ocorrências de embates pedagógicos sobre o corpo dentro e fora da escola, já que a educação do sujeito é “para vida toda”.

Os poucos documentos confirmam que há situações onde a visão religiosa sobre algumas práticas dentro dos conteúdos da EF, influenciam na abstenção, autoexclusão ou exclusão condicional, receio, resistência ou até mesmo uma prisão da vontade própria, a partir disso, poucos abordaram sobre como resolver essas situações e quais os meios mais eficientes na transmissão efetiva dos conteúdos da EF, portanto, quanto menos debatido for levantado estudos de caso sobre esse tema, mais demorada será a solução para sua causa e reparo de seus efeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos materiais coletados, entendemos como o conceito de corpo não é imutável ou efêmero, mas adaptável a cada período histórico, bem como o seu valor estar ligado a interesses de poder em diferentes níveis de atuação social o resignando a objeto, sendo estes dominadores ou juízes do saber que o moldam a fim de melhor atendê-los, é dentro desse contexto que os conhecimentos (empírico, religioso, científico e filosófico) são organizados e disseminados em sua maioria pelas instituições sociais, apresentam situações de conflito sobre o agir com o corpo na maior parte do tempo útil.

Portanto, entendemos que a religião e a Educação Física são conhecimentos de áreas distintas que valorizam em comum o cuidado e manutenção da saúde corporal e que o reconhecem como ser total ou integral de partes que não se dissociam, mas possuem em paralelo outros valores, como na religião que se fundamenta em crenças que definem uma moral adaptada para um ser divino e que são refletidas no estilo de vida que os adeptos adotam, e a Educação Física que toma todas as formas de manifestação corporal em movimento como parte inerente da cultura própria do corpo a ser estudado, investigado, adaptado e realizado, mas que também atende a sistemas de políticas públicas e educacionais de um país na sua regulamentação.

Por conseguinte, na análise dos documentos dos congressos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, apontam uma evidência maior de abstenção ou autoexclusão por parte de alunos evangélicos em sua maioria de igrejas como: Assembleia, Adventista, Batista, Pentecostais e Neopentecostais, e que são nas aulas práticas de Educação Física que ocorrem as maiores incidências de abstenções, tendo em seus conteúdos mais conflitantes da disciplina as danças, as lutas e os jogos competitivos, por ser estes os que mais se chocam com os valores propostos das religiões apresentadas nos documentos.

Ainda assim, os documentos ressaltam que mesmo que a religião molde o estilo de vida de seus fiéis, não há unanimidade na mente dos alunos em aceitar todos os dogmas ensinados nas igrejas, sendo que algumas das denominações citadas se tornaram mais flexíveis quanto as práticas mais rejeitadas dentro dos conteúdos da EF no decorrer do tempo, mas todas permanecem com o mesmo ideal

de cuidado com corpo a fim conservá-lo ao seu Deus, isso se perpetua na educação e estilo de vida religiosa dos alunos.

De acordo com a análise, a Educação Física vê na influência parental ou de líderes religiosos alguns dos fatores mais importantes e determinantes em alguns casos, no gerir o corpo e na abstenção das aulas práticas da disciplina, dessa forma, a relação entre professor e aluno no processo ensino-aprendizagem prioriza de certa forma, a aula teórica como a maneira mais adequada de aprendizado, não sendo apresentado mais alternativas de ensino que não firam a integridade moral e religiosa dos alunos mas que os envolvam, caso eles queiram participar de uma forma menos expositiva ou expressiva.

Em suma, na análise dos documentos, a Educação Física aborda o corpo com as possibilidades de execução de movimentos carregados de valores que podem ser até simbólicos e não apenas o fazer por fazer, seus conteúdos (dança, esporte, lutas, jogos, ginástica, práticas de aventura) e variações, para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra é necessário métodos pedagógicos e didáticos de ensinar, incluir e adaptar todos os alunos como um corpo chamado discente mas que também respeite o direito de credo, da integridade moral, civil e religiosa. Ainda que as aulas teóricas sejam eficientes para inclusão parcial ao conteúdo ensinado, os documentos analisados não apresentaram nenhuma alternativa mais agregadora a esses alunos quanto a prática, caso estes se sintam à vontade com seus corpos e crenças.

Portanto, a religião em alguns casos, ainda se apresenta nas aulas de Educação Física como uma limitante da disciplina no corpo do aluno, mas não de forma impositiva como antes, mas com o cenário atual mais aberto a diálogos e concessões que também somam aos novos contextos sociais que o corpo carrega e carregará na medida que as novas formas de ver o mundo e possibilidades de ser humano se transformam.

O acesso ao corpo por ambas áreas de conhecimentos científico e teológico, não deveriam apresentarem-se de forma polarizada em nenhum aspecto, a relação e limites apresentadas nos documentos só afirmam a imensidão possibilidades que o corpo se manifesta e incorpora dentro do espaço-tempo que está inserido. Se o divino concedeu a possibilidade de construirmos o que somos, a nossa imperfeição de ser humano comparada a DEle, cria utopias dentro dos conceitos deterministas,

pois o que está em constante mudança e em construção, ainda não está finalizado ou definido, e são nesses percursos de construção sobre o corpo que o relativismo dos sistemas sociais de convívio, fomentam as diferenças através do corpo (físico, mental e espiritual), sendo elas o da exclusão, segregação, integração e inclusão.

A religião e a Educação Física não são antagônicas dentro do conceito de cultura seja ela social ou corporal, são coparticipantes de algo maior que elas mesmas, o corpo, sem este elas não haveriam de existir e se enquadrarem nos sistemas sociais ou individuais, já que parte de nossa existência necessita de relações com o exterior e ritualístico, as diferenças criadas pelos modos de viver e pelos sistemas organizacionais do mundo civilizado, trazem consigo o conflito, o menosprezo e o poder, é nisso que consiste a separação entre Educação Física, corpo e religião apresentados sobre normas da conduta corporal (moral) quer sejam religiosas ou não.

Tanto a educação física quanto a religião na essência são colaborativas na educação do corpo para ele próprio, enriquecendo-o no valor simbólico de existir e ser/ter um; o sentido das diferenças que hoje temos caminharia para o sentido das diversidades, sendo que o primeiro denota exclusão e separação e o segundo integração e inclusão respectivamente.

Desse modo, as práticas religiosas devem ser somadas como uma manifestação corporal diversa com as práticas corporais contextualizadas nas aulas de educação física ainda que se diferencie em algumas práticas, entender quais são as práticas de atividades físicas mais e menos comuns daquela comunidade religiosa; equiparar a qualidade de vida entre corpos dos fiéis ativos e não ativos e entre o corpo que não é religioso; a frequência das atividades realizadas por um corpo religioso dentro de um determinado tempo, etc. todas essas possíveis análises, podem somar de forma qualitativa e quantitativa para o desenvolvimento do corpo integral.

Se hoje há métodos de socialização nas escolas junto às aulas de Educação Física com as políticas de educação inclusiva para alunos com alguma deficiência a fim de diminuir o impacto das diferenças e desigualdades sociais ainda presentes, desse modo aumentando a participação nas aulas por estes alunos, por que não incorporar as formas de manifestação religiosa ligadas ao corpo mesmo que estas por vezes se movimentem de forma incomum? Confrontar, segregar e não intervir só

alimentará as diferenças negativas nos modos de gerir o corpo, de forma que a exclusão e comodismo continue sendo os pilares de uma educação de caráter por vezes hipócrita, levando em consideração o direito do credo religioso.

Como mostrado, há amparos legais que asseguram direitos sobre a decisão dos alunos a gerirem seus corpos mediante suas convicções religiosas, mas que não devem eximir o professor da responsabilidade de diálogos que podem levar ao comodismo sem nenhuma proposta de intervenção caso seja possível nos limites do aluno.

Portanto, assumir o corpo religioso educado como uma manifestação e expressão da cultura corporal de movimento exalta a valorização do aluno e suas individualidades sem correr o risco de diminuí-los e afastá-los de uma disciplina que integra e exala o bem estar dos indivíduos, reforçado no pensamento de Rigoni e Prodocimo (2013^b) de que somos uma espécie de combinação e de um conjunto de todas estas formas de educação que experimentamos ao longo de nossa vida dando sentido a ela.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. R.I; MATOS, P. M.; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicol. Soc.**, Florianópolis , v. 23, n. 1, p. 24-34, Apr. 2011 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100004&lng=en&nrm=iso.. access on 28 Apr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>.
- BARBOSA, Ronnie Fonseca; MOREIRA, Evando Carlos. As práticas corporais e a influência religiosa: uma análise sobre a prática da educação física escolar. *In: V Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte. 2012, Anais....*
- BARBOSA, Ronnie Fonseca; FERREIRA, Talita; MOREIRA, Evando Carlos. Confrontos religiosos nas aulas de educação física: a interdição do corpo. *In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte.2019, Natal, Anais... Natal: CBCE, 2019, p. 1-2.*
- BASTOS, R. S.; JUNIOR, Osvaldo Galdino dos Santos; FERREIRA, Marcelo Pereira de Almeida. Reforma do Ensino Médio e a Educação Física: um abismo para o futuro. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 38-52, 2017
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994. cap. 1 e 2, p. 48-52.
- CAMARGO, André Luiz Lopes . **O mover do corpo sagrado: implicações para a educação física escolar em face da religiosidade de estudantes evangélicos no município de Vila Velha (ES)**. 2018. Dissertação (Mestrado) , Vitória, 2018
- CAMILO, C. H.; SCHWARTZ, G. M. Práticas corporais e cristianismo: Relações e preceitos. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 19, n. 3, p. 235-258, 2016.
- Caregnato, Rita Catalina Aquino e Mutti, ReginaPesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online]. 2006, v. 15, n. 4 [Acessado 16 Junho 2022] , pp. 679-684. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>>. Epub 12 Nov 2007. ISSN 1980-265X. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>.

CBCE. **ESTATUTO DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**. 2018. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/estatuto/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

COLUMÁ, J. F., CHAVES, S. F. O sagrado no jogo de capoeira. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 169-182, mai. 2013.

COFFANI, M. C. R. S.; GOMES, C. F.. Educação do corpo: o Ethos religioso evangélico e as implicações pedagógicas e curriculares sobre a educação física no ensino médio. **Educere et Educare**, v. 14, n. 31, p. 10-17648/educare. v13i31. 18384.

DAOLIO, J. OS SIGNIFICADOS DO CORPO NA CULTURA E AS IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, ago. 2007. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2184/902>. Acesso em: 28 abr. 2020. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.2184>.

_____; RIGONI, A. C. C.; ROBLE, O. J.. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 179-193, Dec. 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000300011&lng=en&nrm=iso.. access on 29 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072012000300011>.

DA SILVA, Gislaine et al. Lazer e religião: contribuições para a formação profissional em educação física. 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Unimep, 2010. p. 1-3.

DA SILVA, J. E.; DA SILVA, C. A. F. Educação física, folclore e religião: relações e interferências. **Journal of Physical Education**, v. 20, n. 4, p. 555-567, 2009.

FERREIRA, Heraldo Simões; SAMPAIO, José Jackson Coelho. Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde. **EFdeportes**. Buenos Aires, v.18, nº182, julho de, 2013.

FURTADO, Tuane Vitoria Coêlho; MOREIRA, Daniely Gonçalves; OLIVEIRA, Raiana Almeida De. Educação confessional: uma análise da pedagogia adventista e suas implicações no currículo da educação física. *In: VII Congresso norte-brasileiro de ciências do esporte*, 2018, Palmas, **Anais...** Palmas, 2018, f. 1-7

FREITAS NETO, José Alves de. Coisas que se misturam: religião e política. **Jornal Da Unicamp**. 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/jose-alves-de-freitas-neto/coisas-que-se-misturam-religiao-e-politica>. Acesso em: 09 mar. 2020

GONÇALVES, A. S., & de AZEVEDO, A. A. (2007). A re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade. **Pensar a Prática**, 10 (2), 33-51. <https://doi.org/10.5216/rpp.v10i2.1083>

LE BRETON D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006. 104 pg.

LIMA, P. L. Z. et. al. O corpo pecado e corpo santo regulados no espaço escolar: um debate a partir do conteúdo dança numa escola adventista em Belém do Pará. *In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte*. 2019, Natal. **Anais...** Natal, CBCE, 2019. p. 1-3.

LIMA, R. R. História da Educação Física: algumas pontuações. **REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA**, v. 7, n. 13, p. 246-257, 2015.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20. ed. São Paulo: Editora Àtica, 2000

MAIA, Iara Soares et al. Religião e educação física: diálogos entre espírito e corpo no ambiente escolar. **Mostra Científica de Educação Física**, v. 1, n. 2, 2017.

MANSUR, Ofelia Machado et al. **A evasão nas aulas de educação física escolar na percepção dos/das docentes de educação física em função da expressão religiosa discente**. Dissertação (Mestrado), Vitória, 2019. <http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/handle/prefix/28>

MACEDO, R. L. de, & ANTUNES, R. de C. F. de S. (2006). Valoração da educação física: da produção acadêmica ao reconhecimento individual e social. **Pensar a Prática**, 2, 65-83. <https://doi.org/10.5216/rpp.v2i0.150>

MARTINS, Leonardo Tavares et al. **O corpo e o sagrado: o renascimento do sagrado através do discurso da corporeidade**. Dissertação (Mestrado), Campinas, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS., Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 375 f. Atualização: Joao Bosco Medeiros. Disponível em:
https://ia804601.us.archive.org/7/items/Fundamentos_de_metodologia_cientfica_8_ed._-__www.meulivro.biz/Fundamentos_de_metodologia_cientfica_8_ed._-__www.meulivro.biz.pdf. Acesso em: 03 jul. 2022.

MAROUN, K.; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000200011&lng=pt&nrm=iso. acessos em 28 abr. 2020.

NASCIMENTO, Alexandre; NASCIMENTO, Gabriel Sena. Associação entre atividade física e religião: da origem a atualidade. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 7, n. 2, p. 81-91, 2019.

OLIVEIRA Ingrid Patrícia Barbosa de; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. O corpo, o sagrado e sua dimensão educativa. *In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte*. 2019, Natal. **Anais...** Natal: CBCE, 2019. p. 1-3.

OLIVEIRA, Vítor. Marinho de. **O que é Educação Física?** 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção primeiros passos).

PARENTE, Ruan Rocha; **MANIFESTAÇÕES DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO**. 2012 Curso de educação física da Universidade Federal do Ceará. Monografia (Graduação), Fortaleza, 2012

PERCÍLIA, Eliene. "A religiosidade medieval"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-religiosidade-medieval.htm>. Acesso em 09 de março de 2020.

RIGONI, Ana Carolina. Corpo e religião: aproximações possíveis *In: XVIII CONBRACE e V CONICE (2013^a)*, Brasília, **Anais...** Brasília n. p.1-13, Web. 30 Mar. 2020

_____; PRODOCIMO, Elaine. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre , v. 35, n. 1, p. 227-243, Mar. (2013^b) . Available from.http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000100017&lng=en&nrm=iso.. access on 10 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000100017>

_____. **Corpos na escola: (des)compassos entre a educação física e a religião = Bodies in school: (un)measures between physical education and religion.** COLU. 175 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2013^c. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275127>. Acesso em: 22 ago. 2018

_____; DAOLIO, Jocimar. CORPOS NA ESCOLA : reflexões sobre educação física e religião. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 875-894, mar. 2014. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/40678>,. Acesso em: 10 mar. 2020. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.40678>

_____. Um breve ensaio sobre corpo e religião: relações e transformações ao longo da história. **Revista Ciências da Religião-História e Sociedade**, v. 14, n. 1, 2016.

_____; DAOLIO, Jocimar. A aula de educação física e as práticas corporais: a visão construída por meninas evangélicas. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 147-158, mar. 2017. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/64478/40964>,. Acesso em: 10 mar. 2020. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.64478>.

_____, Ana Carolina Capellini. Usos do corpo: dos sacrifícios “primitivos” às religiões “atuais”- Resenha. **Conexões** , v. 6, n. 1, pág. 86-95, 2008

ROCHA, Paloma Tavares Ferreira et al. **A pluralidade cultural e as manifestações de cultura religiosa nas aulas de educação física: uma busca exploratória realizada com docentes do ensino fundamental.** 2018, f. 125, Tese, Uninove, 2018.

RODRIGUES, Renato Gonçalves. O corpo na história e o corpo na igreja hoje. *In: IV Seminário nacional corpo e cultura.* 2013, [S.l.], **Anais...** CBCE, f. 13.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SAJORATO, Talita De Carvalho; RIGONI, Ana Carolina Capellini. Democracia e emancipação: desafios para a educação física e ciências do esporte na América Latina. *In: XX Congresso brasileiro de ciências do esporte e VII Congresso internacional de ciências do esporte,* Goiânia, 2017, **Anais...** Goiânia. Go: Cbce, 2017. p. 868-869.

SANTOS, Débora Vieira dos; CARDOSO, Fernanda de Souza. Educação física, corpo e religiosidade: investigando relações e tensões. *In: XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte*. 2017, Goiânia, 2017, **Anais...** Goiânia. Go: Cbce, 2017. p. 865-867.

SANTOS, Luís Roberto dos; GOELLNER, Silvana Vilodre. As práticas corporais e a educação do corpo em uma instituição confessional de ensino. **Rev. educ. fis. UEM**, Maringá, v. 25, n. 3, p. 379-390, Sept. 2014. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-30832014000300379&lng=en&nrm=iso,. access on 10 Aug. 2020. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v25i3.21649>.

SANTOS, A. R. M. dos, SILVA, E. A. P. C. da, SILVA, P. P. C. da, Cartaxo, H. G. de O., & Freitas, C. M. S. M. de. (2014). Estilo de vida na adolescência: o envolvimento religioso atuando nos comportamentos de risco à saúde. **Pensar a Prática**, 17(1). <https://doi.org/10.5216/rpp.v17i1.18741>

SANETO, Juliana Guimarães; ANJOS, José Luiz dos. Práticas corporais e religiosidade: discurso de líderes religiosos. **The FIEP Bulletin**, v. 77, p. 119-22, 2007

SILVA, Bruno Machado Belisário da et al. **O problema do dualismo corpo e alma: por uma visão Integral do ser humano nas aulas de educação física**. 2018, f. 72, Dissertação (Mestrado), Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018.

SOARES, Everton Rocha. Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 169, p. 3-5, 2012.

SOUZA, Alexandre Rocha de. A influência da religião na prática das aulas de educação física. **EFDeportes**, 2015, n° 208. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd208/a-influencia-da-religiao-na-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 09 mar. 2020.

Treinta, Fernanda Tavares et al. Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. **Production** [online]. 2014, v. 24, n. 3 [Acessado 12 Junho 2022], pp. 508-520. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65132013005000078>>. Epub 01 Out 2013. ISSN 1980-5411. <https://doi.org/10.1590/S0103-65132013005000078>.